



**HEITOR PEREIRA NO TAHITI**





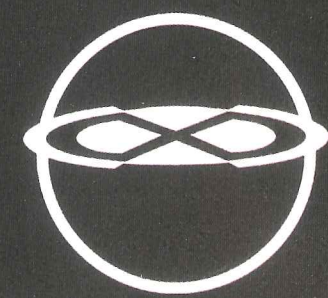
- CONCEPT  
**GAIA**  
 mormaii
- G GEO > TERRA
  - A AIRE > AR
  - i IRIS > FOGO
  - A ACQUA > AGUA

**mormaii**  
 SANDALS





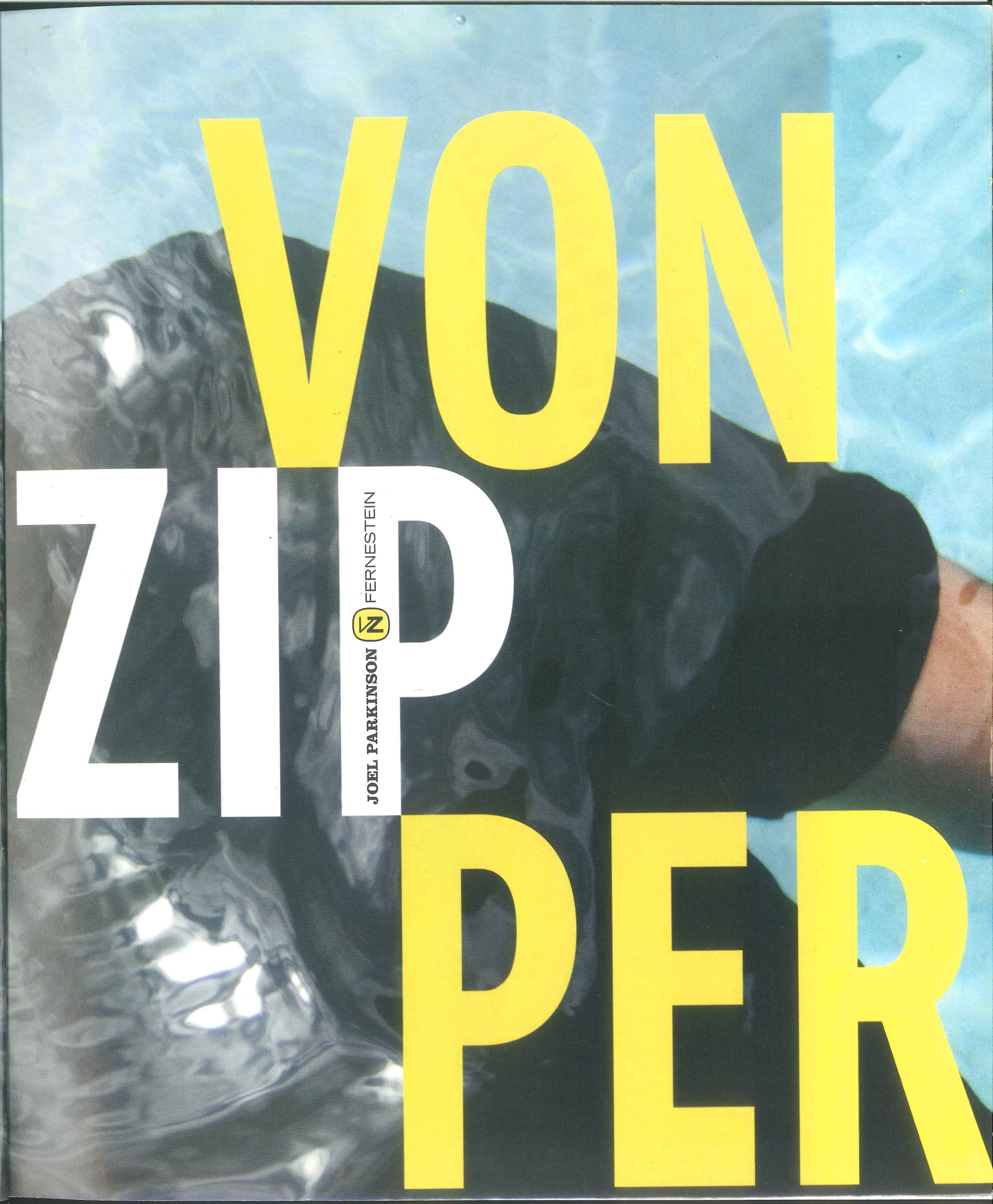
Ima Surf...



*South to South*



FULLY AUTOMATIC PERSPECTIVES [VONZIPPER.COM](http://VONZIPPER.COM)



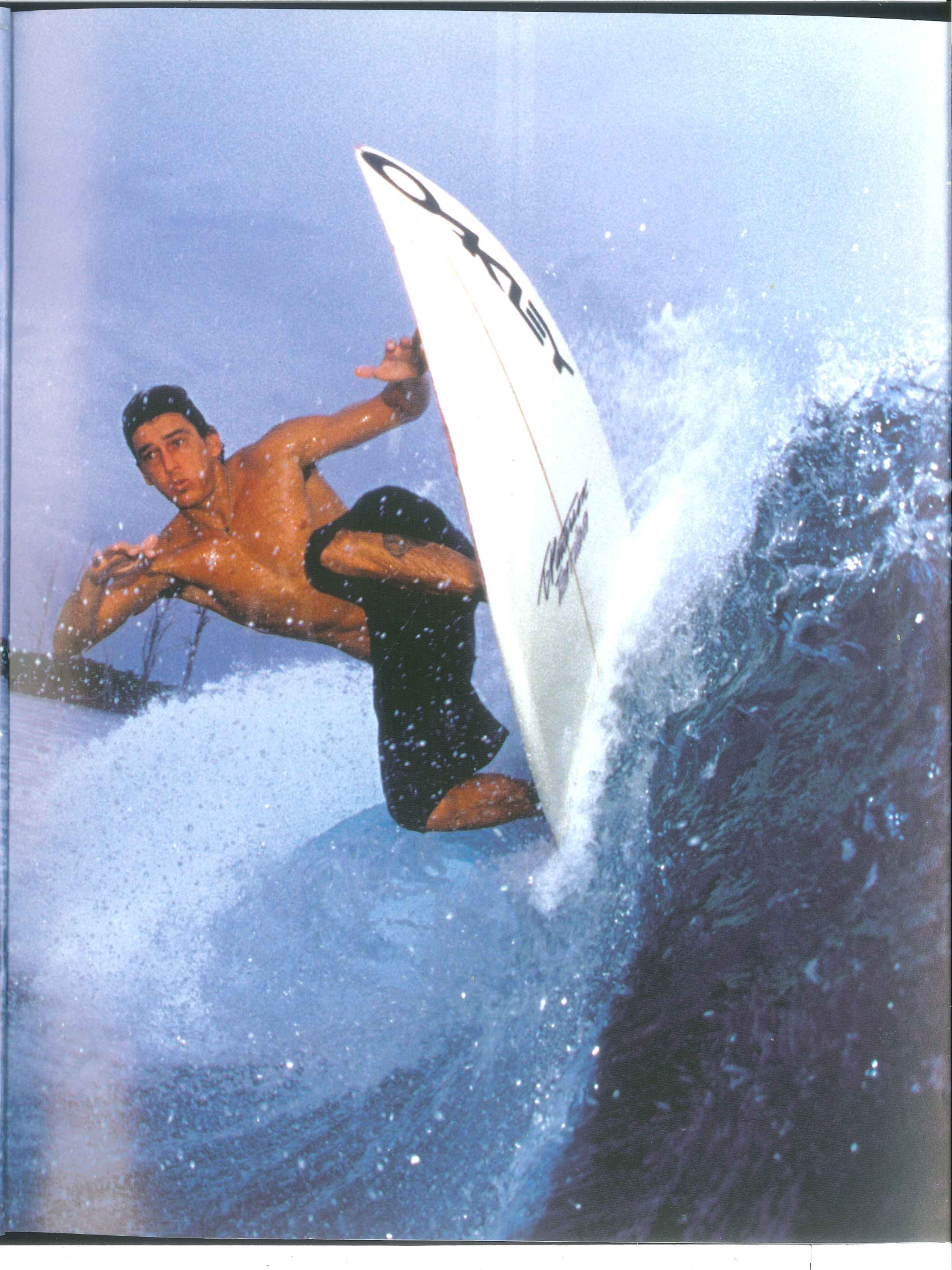
# WON ZIP PER

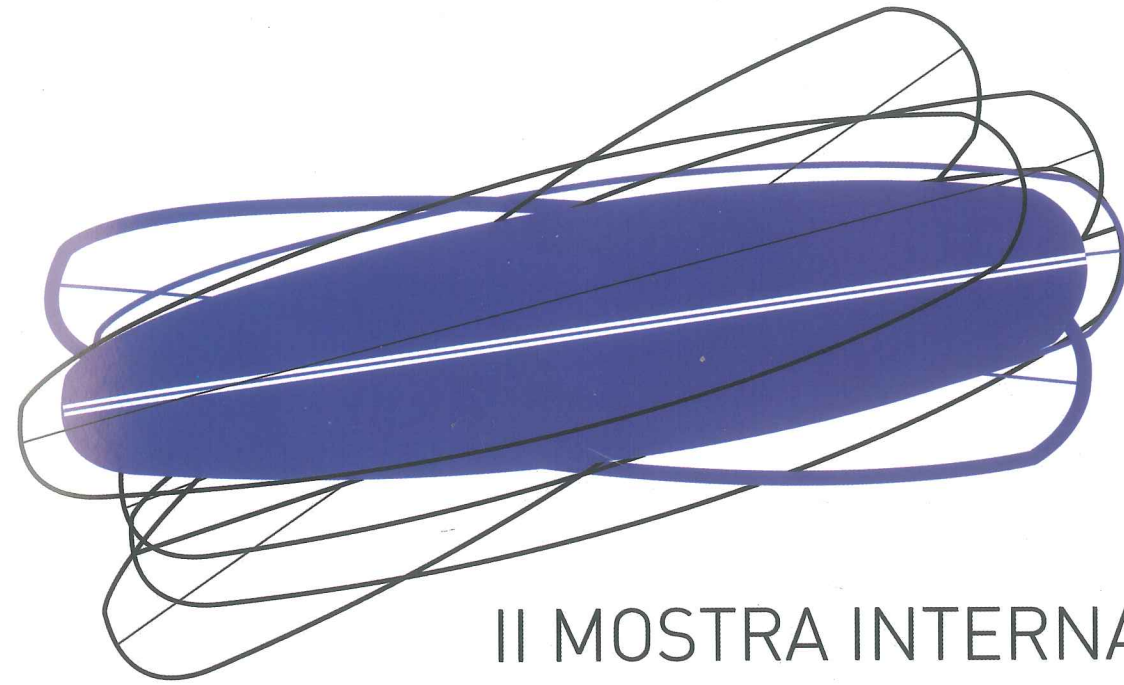
JOEL PARKINSON  FERNESTEIN

**DUSTY BARCA**  
OAKLEY BOARDSHORTS • OAKLEY.COM



**1975**





II MOSTRA INTERNACIONAL  
de **ARTE E CULTURA SURF**  
set./ out. 2005

cinema/videos documentários, artes plásticas,  
artes gráficas, pranchas de surf,  
literatura, fotografia, música, teatro.

**Expresse-se:** inscrições até 30.06.2005

[www.mostradosurf.com.br](http://www.mostradosurf.com.br)

realização:

REVISTA **AimaSurf**



# Sorte na vida

— POR ROMEU ANDREATTA

Meu número de sorte é 27, e como diz Fernando Aguerre, em entrevista exclusiva à Alma Surf, "sem sorte não se chega na esquina". Sinto que se fez valer essa premissa. É uma das nossas edições de tiragem recorde [25 mil exemplares], com muitos tesouros editoriais.

O primeiro é termos o privilégio de sermos oficialmente divulgadores do negócio milionário que envolve a venda da Reef Brasil para um grande grupo americano. É um assunto poético. Estamos formando uma legião de Mike Doras contemporâneos que, na busca da vida no surf, acabam criando operações milionárias e depois se desfazendo delas.

Tenho prerrogativas para dissertar sobre o assunto, pois fui o primeiro brasileiro a completar o ciclo com final feliz: a venda da revista Fluir para um grande grupo. Na verdade, o que queremos é viver do surf. Mas os negócios crescem e, inevitavelmente, temos que vendê-los para quem só pensa em trabalhar e ganhar dinheiro — não é o nosso caso. A história poética dos irmãos Aguerre é, sem dúvida, uma busca de vida no surf transformada em uma marca global. Na real, como vocês vão ler e sentir, eles só querem surfar...

O futebol se rende ao surf sob a genialidade e surfalidade de Marcello Serpa. Considerado um dos maiores criadores do mercado publicitário brasileiro, viu no surf uma grande oportunidade de desembarcar o futebol de um esporte sem comportamento e soldou a bola à prancha. Mais do que esporte, é comportamento, resultado: um case mundial. Veja essa mirabolante produção, bem como sua elaboração, em mais uma exclusiva entrevista que Marcelo me concedeu. Muito mais surfista do que publicitário, nesse assunto ele declara amor à praia, ao surf e à vida.

Buscamos novas maneiras de mostrar o que nossos anunciantes fazem. Nada melhor do que ondas de água clorada e ladrilhos: cenário próprio para um ensaio moderno, descompromissado, experimentalista. Fiel ao DNA da Alma Surf. Experimentar o novo sempre, cultivar a história com nobreza, tratar nossos sentimentos como preciosidades, como arte e cultura.

Mais uma vez parafraseando os Aguerre, nunca desista dos sonhos. Vá, corra, batalhe, você consegue, eu garanto... Até eu consigo.

Surf com amor, meditação para limpar, sexo para alegrar e muita... muita onda.

## COSMMOS DO BRASIL PRODUÇÃO EDITORIAL

Maria Dias Carvalho

## ALMA SURF

**Publisher**  
Romeu Andreatta Filho

**Editor Assistente**  
Adriano Vizoni  
adriano@almasurf.com.br

**Diretor de Arte**  
Fernando Mesquita

**Assistente de Arte**  
Waldir Rugno Filho

**Revisão**  
Francisco José M. Couto

**Colaboraram nesta edição:**

**Textos**  
Marcela Carrocino, Neco Padaratz, Rico de Souza, Rosaldo Cavalcanti e Taiu Bueno

**Fotos**  
Aleko Stergiou, Alexandre Gennari, Eduardo Mood, Marina Ribeiro, Gustavo 'Binga' Yazbek e Luciano Saraceni

**Publicidade**  
Patrícia Barros  
pattbarros@almasurf.com.br

**Departamento Financeiro**  
Fabio Augusto Pilch  
fabio@almasurf.com.br

**Distribuição**  
Dinap S.A.  
Distribuidora Nacional de Publicações

**Pré-impressão e Fitolito**  
ArtSim Projetos Gráficos

**Impressão**  
PARMA

**Jornalista Responsável**  
Adriano Vizoni  
MTB 31969

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da Cosmmos do Brasil Produção Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

**Alma Cultural**  
Fabio Augusto Pilch  
fabio@almasurf.com.br

**Correspondências**  
Rua Dr. Fonseca Brasil, 295  
Morumbi - São Paulo - SP - 05716-060  
Telefone: (11) 3744-3711  
e-mail: almasurf@almasurf.com.br

**www.almasurf.com.br**

**Para assinar:**  
(11) 3744-1668  
assinatura@almasurf.com.br

Tiragem desta edição: 25.000 exemplares

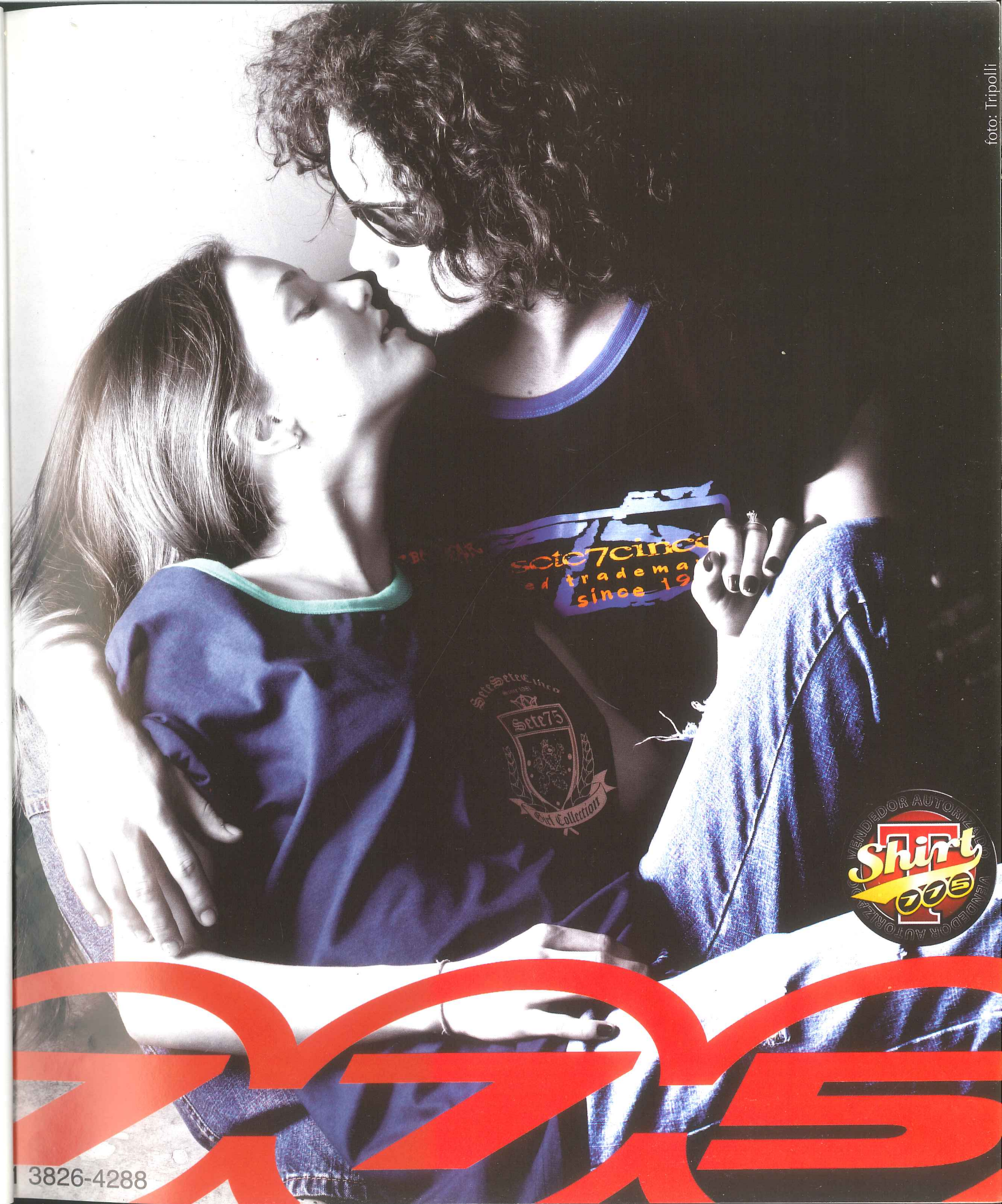


foto: Tripolli



3826-4288

# LUXO PARA TODOS

*Cavalera*  
JEANS D'OURO



WWW.CAVALERA.COM.BR / SP - AL LORENA - SHOPPING HIGIENÓPOLIS - SHOPPING IBIRAPUERA - SHOPPING MORUMBI - SHOPPING VILLA LOBOS / RJ - SHOPPING RIO SUL / BH - SHOPPING DIAMOND MALL / GO - FLAMBOYANT SHOPPING CENTER / SHOW ROOM (11) 6166 4188



# Índice #27

- Rosaldo Cavalcanti **20**
- Rico de Souza **22**
- Neco Padaratz **24**
- Marcela Carrocino **26**
- Taiu Bueno **94**

co  
lin  
as

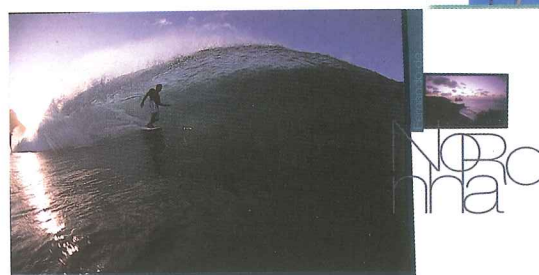


Grandes empresas se rendem à magia do surf

**30**

**40**

Surf e bundas. Dois hermanos malucos invadem a indústria do surf

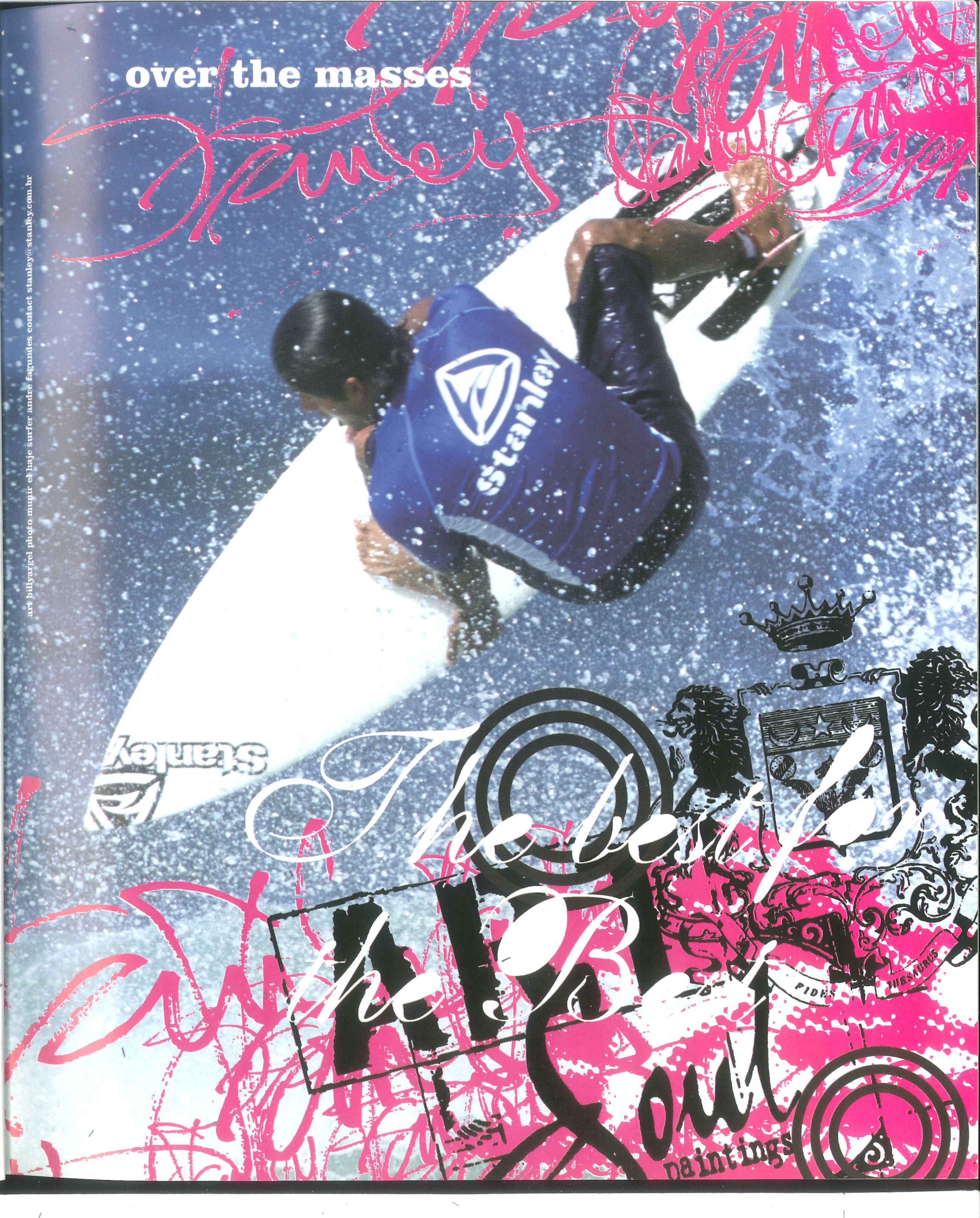
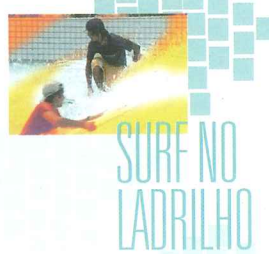


**54**

O paraíso tupiniquin visto com outros olhos

Onda artificial, diversão e muita roupa molhada

**82**



art: billyvangel photo: mupir e lujae surfer: andré fagundes contact: stanley@stanley.com.br

Jaws, Maui, 15 de dezembro 2004

"Quando percebi que a onda ia rodar de verdade, coloquei pra dentro num tubo que sem dúvida foi o maior da minha vida, era muito largo e eu vi que tinha boas chances de sair. Fiquei amarradão!"

*Eraldo Gueiros*



# The Maui News

50 CENTS

Good Morning!

## Nobody 'touched,' defense points out

Closing arguments made in officer's sex assault case

By LIA FURBER



## Big surf makes waves

A surfer streaked down the face of a wave Wednesday morning at the Pacific surf spot that has become famous around the world as Jaws.



# WGS SURFRIDERS



Waterman surfer Eraldo Gueiros gets tubed in giant Jaws



11 6096 2230 [www.wgsurf.com.br](http://www.wgsurf.com.br)



### ELES DISSERAM

"Tive que esperar seis meses para voltar a surfar... Foi fácil esperar um pouco antes de pegar a minha primeira onda." **Mick Fanning** depois da vitória no WCT em Snapper Rocks. Na final, Fanning viu seu adversário, Chris Ward, pegar cinco ondas antes de ele surfar a primeira. Ano passado Mick ficou seis meses fora d'água, depois de se machucar surfando.

"O cara é um animal, é uma mistura de muito talento com uma coragem sem limites." **Jeff Clark** sobre Flea Virostko.

"Deu pra ver uma parede de água do tamanho de um prédio de 4 andares. Parecia que eu estava assistindo a um filme. O visual era totalmente surreal." **Troy Husum**, canadense de 28 anos que estava de férias em Phuket, Tailândia, durante o tsunami que atingiu o oceano Índico.

"Tov-in é moleza se comparado ao surf de remada num dia com mais de 20 pés." **Peter Mel**.

"Todo mundo sabe que o segredo dos cearenses é a rapadura." **Pablo Paulino**, cearense e atual campeão mundial Pro Júnior.

"I could say, but I won't say". [Eu poderia dizer, mas não vou dizer]. **Michael Peterson**, ao lhe perguntarem qual seria o segredo do seu surf.

### SURF TAMBÉM É CULTURA

Recentes achados arqueológicos encontrados na região de Chan Chan, Peru, que segundo os cientistas têm mais de 5 mil anos, mostram figuras deslizando sobre ondas em cima de rudimentares "pranchas de surf" construídas a partir de um material orgânico. Cerca de 2 mil anos atrás os primeiros habitantes do Hawaii desenharam inscrições nas pedras vulcânicas — que até pouco tempo atrás acreditava-se serem os primeiros registros visuais do "esporte dos reis". De fato, o primeiro registro visual da existência do surf produzido por um ocidental é View of Karakakooa, in Owyee, uma gravura feita em 1779 pelo artista John Weber, que mostra um havaiano remando numa prancha de surf para saudar o Captain Cook numa de suas viagens ao Hawaii.

### COBERTURA DE IMPACTO NO SPORTV

Termos corretos, colocações pertinentes, uma visão apurada e bons comentários. Foi o que se viu durante a primeira etapa do WCT, por meio de inserts ao vivo, direto da Austrália, no programa Zona de Impacto, do canal a cabo SporTV. A dupla Regis Roesing e Cláudio Moraes mostrou que está afiada e bem ambientada ao circuito mundial. É o surf conquistando definitivamente seu espaço na telinha. Pelo visto, já se foi o tempo em que os surfistas eram apenas um estereótipo para a grande mídia.

### SURFISTAS SÃO FORA-DA-LEI?

Foi bom ler o texto do colega Diogo Mourão publicado no jornal O Globo no mês de março. Diogo reclamou, e com razão, que não agüenta mais ver a mídia chamar de "surfistas" alguns cidadãos fora-da-lei. O sujeito comete um crime, seja lá qual for, e, só porque tem uma prancha de surf em casa, alguns segmentos da mídia vão logo classificando o meliante como surfista. Fala sério! Então todo bandido que tiver uma bola de futebol em casa vai ser jogador de futebol? É isso aí, Diogo. Apoiado! Não se pode misturar o sacro com o profano.

### CONFERÊNCIA MUNDIAL DE FUNDOS ARTIFICIAIS

A próxima grande conferência sobre fundos artificiais está programada para acontecer na Indonésia, mais precisamente na ilha de Lombok. A data está para ser confirmada, mas algumas das maiores autoridades no assunto já garantiram presença. Essa promete ser a mais importante conferência sobre o assunto já realizada. Segundo os organizadores, será maior e melhor que as duas anteriores, realizadas na Califórnia e na Nova Zelândia. A conferência é aberta a quaisquer interessados e pretende revelar o que existe de mais moderno em termos de tecnologia de construção de fundos artificiais.

### SOPRADAS AO VENTO

As ondas de La Libertad, em El Salvador, estão ameaçadas de extinção por causa de um projeto imobiliário. Considerada uma das melhores ondas da América Central e locação das filmagens do clássico Big Wednesday, La Libertad pode estar com seus dias contados. Um homem chamado José María Monterey está à frente de um projeto que se encontra nos estágios finais de aprovação por parte do governo salvadorenho. Segundo os surfistas locais, que estão organizando um abaixo-assinado com mais de 200 assinaturas, o empreendimento inclui um complexo de apartamentos com quarto torres de 12 metros de altura cada, além de um quebra-mar e uma marina que, caso sejam construídos, devem acabar com as famosas e perfeitas direitas de La Libertad.

### PARA LER

**SURF CULTURE - THE ART HISTORY OF SURFING** Publicado em julho de 2002, junto com uma exposição no Laguna Art Museum e com design assinado pelo cultuado artista gráfico David Carson, Surf Culture examina a história das pranchas de surf desde 1900 até hoje. É o mais completo estudo socioeconômico do impacto do surf na cultura ocidental. Baseado em fotos, filmes, música e na indústria que nasceu como consequência da popularização do surf em volta do mundo, a obra exhibe trabalhos de vários artistas. Um must para quem quer se aprofundar no estudo do surf e entender sua influência no universo jovem.

**SURF GRAPHICS** Jean-Michel Glasman publicou este livro de capa dura, com 159 páginas, em 1999. Editado originalmente em inglês e francês, é uma compilação de mais de 100 trabalhos em que se podem notar as mudanças e a evolução em mais de 30 anos da indústria surf wear.

**O VELHO E O MAR** Quando foi publicada, em 1952, a obra-prima de Ernest Hemingway foi logo aclamada como um clássico da literatura. A triunfante e trágica história narra a batalha de vida e morte entre um pescador e um marlim gigante.

### PANELA GRINGA

Fica difícil engolir a lista de convidados do Eddie Aikau sem a presença de pelo menos um brasileiro. Alô, Quiksilver Brasil! Alguém na linha? Mesmo depois de os brasileiros terem conquistado alguns dos mais importantes prêmios no universo das ondas grandes, a marca australiana, que também vende seus produtos aqui no Brasil, continua deixando de fora nossos surfistas. Carlos Burle chegou até a ser convocado como alternate. Por quê? Com uma lista de convidados repleta de australianos, americanos e havaianos, o campeonato da Quiksilver é uma verdadeira panela gringa. Na minha opinião, isso é falta de respeito com o surf brasileiro.

### PANCETTI SERIA SURFISTA

O paulista Pancetti tinha uma paixão declarada pelas praias e pelo mar. Algo que ficou imortalizado em alguns dos seus melhores quadros. O pintor era um dos preferidos de Roberto Marinho, que mantinha algumas obras de Pancetti na sua coleção pessoal. Entre elas Praia Montserrat: óleo sobre tela de 46 x 55 cm. Pena que o paulista Pancetti viveu sua juventude numa época em que o surf ainda não era tão popular. Se hoje fosse jovem, Pancetti com certeza já teria virado surfista.



ANGEL

FERNANDO MESQUITA

### TSUNAMI UPDATE

O terremoto que causou milhares de mortes no oceano Índico e deslocou o eixo da Terra em aproximadamente 6 centímetros modificou a topografia do planeta. Análises feitas por meio de dados coletados por satélites, sonares e sismógrafos revelaram que o abalo provocou elevações de terra de até 10 metros em Sumatra (Indonésia), na região de Siberut, que fica a 250 quilômetros do epicentro do terremoto. É possível que algumas localidades da região de Aceh, localizada na ponta norte da ilha de Sumatra, tenham desaparecido e que algumas das ilhas possam ter sofrido um deslocamento de até 20 metros. Segundo alguns estudiosos, a ponta noroeste de Sumatra deslizou 36 metros em direção ao sul, e outras ilhas menores podem até ter desaparecido. Até que ponto as ondas de Asu, Bawa, Nias e Mentawai foram afetadas?

**MENTAWAI** - O Macas Resort, hotel que está sendo construído em Macaroram, uma dos melhores surf spots do arquipélago, não foi muito afetado. Apesar de o nível das águas ter subido acima do normal, nenhum grande estrago foi registrado na área. O litoral da baía de Macas, onde o nível das águas subiu cerca de 5 pés acima do normal, foi o mais atingido. Em Padang, o rio que leva o mesmo nome da cidade secou momentos antes de uma onda de 3 metros quebrar, destruindo alguns barcos que estavam ancorados.

**MALDIVAS** - Apesar de o número de mortes não ter chegado nem perto do que alcançou na Indonésia, algumas áreas frequentadas por surfistas foram afetadas. Foi o caso do Lohifushi Island Resort, onde alguns quartos foram destruídos pela força das ondas. Dois dos melhores barcos que operam como charters nas Maldivas, Sunset Queen e The Vindhu, não foram atingidos pelo tsunami e estarão operando normalmente durante a temporada de 2005.

**SRI LANKA** - Um dos países que mais sofreram com os efeitos do tsunami. Hikkaduwa e Aragumbay, duas das regiões mais frequentadas pelos surfistas, foram destruídas pela força dos tsunamis. Sem falar nos pequenos vilarejos espalhados pela maior parte do litoral do Sri Lanka. Apesar da tragédia, a região de Hikkaduwa voltou a receber turistas e, de acordo com os últimos relatos a que este escriba teve acesso, a situação já voltou ao normal. As melhores ondas do Sri Lanka costumam quebrar entre os meses de outubro e março.

... **E NO BRASIL** - Mesmo distante cerca de 15 mil quilômetros do epicentro do terremoto, o Brasil sentiu os efeitos do fenômeno. No Rio, a Marinha registrou variações anormais de até 30 centímetros na maré em períodos de aproximadamente 40 minutos. Os efeitos dos tsunamis cruzaram oceanos a uma velocidade de mais de 708 km/h. O cálculo foi feito baseado na distância que separa o epicentro da costa do estado do Rio. Tudo graças aos dados gerados por um marégrafo instalado dentro da baía de Guanabara. É uma perturbação inédita desde que a maré passou a ser monitorada, na década de 1950.

### SHARK ATTACK

No último dia 16 de fevereiro todas as praias do North Shore da ilha de Oahu foram fechadas por algumas horas depois que um tubarão atacou um surfista californiano em Rock Point. Greg Long foi derrubado após o dente atingir o fundo de sua prancha e caiu na água ao lado do tubarão, mas escapou ileso e assustado. A vítima, que não pretende parar de surfar depois do acidente, chegou a ver o peixe, provavelmente um tubarão-tigre, antes que ele sumisse debaixo d'água. No final do mês de março, no litoral sul-africano, um surfista inglês, Chris Sullivan, foi atacado enquanto surfava nos arredores de Cape Town. A vítima perdeu a parte inferior da perna direita. Foi o segundo ataque em menos de uma semana no litoral de Cape Town, onde os tubarões-brancos são figurinhas fáceis de encontrar. De acordo com algumas testemunhas, Sullivan estava surfando ao lado de amigos quando foi atacado. Uma semana antes, outro inglês havia sido atacado por um tubarão-branco de aproximadamente 5 metros de comprimento. Felizmente a vítima conseguiu escapar sem sofrer maiores danos. O ataque foi filmado em vídeo por um cinegrafista amador. Em novembro de 2004, uma senhora idosa foi atacada enquanto nadava numa das praias de Cape Town. A International Shark Attack File registrou 61 ataques de tubarões no ano passado, sete foram fatais. Em 2003 a mesma entidade confirmou 57 ataques de tubarão em todo o mundo.

### MORTES EM PIPELINE

Um surfista japonês, Moto Watanabe, e um fotógrafo havaiano, John Mozo, morreram em Pipeline durante o último inverno havaiano. As duas mortes confirmam a reputação de suas ondas como as mais perigosas do planeta. Watanabe era um surfista japonês sem muita experiência em Pipeline e morreu vítima de escoriações na cabeça e no pescoço, no dia 19 de janeiro. O japonês foi jogado de cabeça contra o fundo, depois de tentar completar um drop numa onda de 10 pés. Watanabe chegou desacordado na areia e foi levado em coma para o hospital, onde acabou falecendo no dia 29 de janeiro. Dias depois foi a vez de John Mozo. No dia 11 de fevereiro, Mozo, de 33 anos, um dos mais experientes fotógrafos em atividade no North Shore, foi jogado de cabeça contra o fundo de coral. Em 1993 Mozo escapara da morte depois de ser atacado por um tubarão-tigre enquanto surfava perto de Goat Island.

www.heavenontheplanet.co.nz  
www.surfaidinternational.org  
www.baliwaves.com  
www.tamilnet.com

www.buoyweather.com  
www.surfersvillage.com  
www.wavescape.co.za  
www.savethewaves.org

# rico

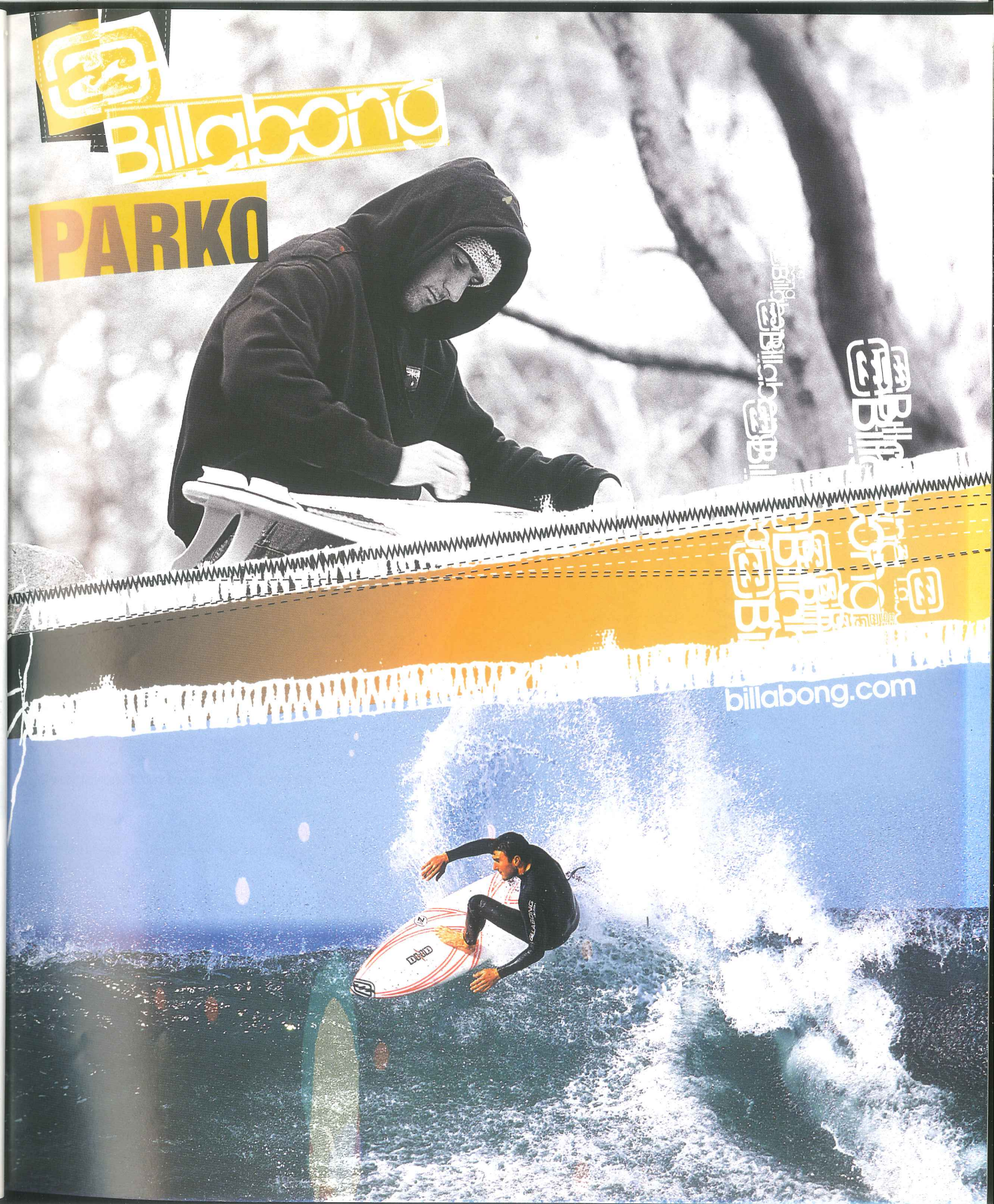
## SURF NA VEIA

— POR RICO DE SOUZA

No final dos anos 1960, a tribo do surf no Rio de Janeiro era muito unida. Todos nos conhecíamos, freqüentávamos as mesmas praias, festas, adoração total pelo surf – era um momento mágico em nossas vidas. O Arpoador era o ponto de encontro. Na época rolavam ondas perfeitas, e ficávamos o dia inteiro na praia. Éramos todos cabeludos, gostávamos de rock and roll, era uma energia muito positiva, com liberdade total. Com certeza nossa tribo era bem diferente de tudo o que existia, principalmente porque nosso estilo de vida contrastava com a falta de liberdade, à época, ocasionada pelo regime militar. O surf era puro, não existiam revistas de surf, e a mídia não dava espaço para o esporte. Não existia nenhum tipo de comunicação entre nós. Só conhecíamos a revista Surfer Magazine, que na época era quem trazia

as novidades do surf no mundo. Essa mesma emoção e energia eram sentidas em lugares como São Paulo, por exemplo. Por volta de 1969, ganhei o campeonato da loja Magno, primeira surf shop brasileira. Como prêmio, faturei uma passagem para o Peru, e fui competir no Campeonato Internacional de Punta Rocas. Quando cheguei, fui surfar as ondas do lugar, e tive a oportunidade de conhecer os melhores surfistas do mundo. Caras do Hawaii, Austrália, Califórnia. Chilenos e peruanos também surfavam muito na época. O peruano Eduardo Arena chegou à presidência da Federação Mundial de Surf. Em minha primeira viagem internacional, constatei como o surf no Brasil estava atrasado, dentro [no aspecto da competitividade] e fora [em termos de crescimento de mercado]. Em 1972, após ser campeão brasileiro em Ubatuba, pensei em competir no mundial de San Diego, Califórnia. Como não existiam patrocínios na época, e eu precisava de uma passagem para o mundial, tive que ser criativo. Fui no Céu É o Limite, programa de TV do Flávio Cavalcanti, pedir a tal passagem. No mesmo programa, tive a oportunidade de conhecer o “Rei Pelé”, que estava sendo homenageado pelo seu milésimo gol. Para mim foi um orgulho – e ainda consegui a passagem. Quando cheguei na Califórnia, já estava pensando em realizar outro sonho, surfar no Hawaii. Na Califórnia, tive a oportunidade de conhecer o mercado americano.

As várias surf shops, a indústria do surf, a mídia, os patrocínios, enfim, toda uma gama de novidades que algum dia com certeza chegariam ao Brasil. Nesse período, tinha acabado de ingressar na faculdade de direito. Toda minha família seguia essa linha. Havia advogados, juizes e ainda um tio que era presidente da Caixa Econômica Federal. Imaginem eu tentando convencer a família de que queria trancar a faculdade e me tornar surfista profissional e fabricante de pranchas. Era simplesmente impossível que eles pudessem imaginar o grande crescimento do esporte no Brasil. Mas pra mim aquilo tudo já estava acontecendo. Foi aí que a minha batalha pelo surf começou, há 35 anos, quando planejei ser surfista profissional e viver do surf. Nessa época, eu já fabricava muitas pranchas e ganhava bastante dinheiro. Eram poucos os fabricantes, e a margem de lucro, muito boa. Em 1976, quando voltava de Jeffrey's Bay, na África do Sul, conheci um grande jornalista: Ibrahim Sued – na época, colunista social do jornal O Globo. Conversando com ele sobre meu sonho de viajar pelo mundo e me tornar um surfista profissional, Ibrahim me aconselhou a pedir patrocínio à Rede Globo. Parecia loucura, mas foi o que fiz. Com os cabelos nos ombros e alguns recortes de jornais, cheguei na Globo e consegui o patrocínio. Havia um diretor da tevê que acreditava no meu trabalho e me dizia que esse patrocínio seria importante para mim. Passaram-se 30 anos, e agora consigo enxergar o quanto todas as oportunidades, todas as alegrias e muito do que aprendi em minha vida profissional estiveram relacionados a tal patrocínio. Até mesmo o relacionamento com outras empresas que me patrocinaram ou com quem trabalhei foi, direta ou indiretamente, ligado à parceria e a minha filosofia de vida e educação. É importante dar para poder receber. Respeitar para ser respeitado. Ser humilde para obter sucesso. Foi através dessa filosofia de vida que conquistei o respeito da sociedade e a oportunidade de trabalhar com grandes empresas. Nesses 40 anos de trabalho pelo surf, gostaria de destacar que o mais importante que carrego em minha vida são os amigos que fiz pelos quatro cantos do mundo e os grandes momentos que vivi e vivo até hoje. Gostaria de agradecer à minha família, que sempre me apoiou em tudo. Aproveito a oportunidade para também agradecer aos amigos que acreditaram no meu trabalho. Um abraço para toda a turma das antigas do surf. À nova geração, da qual me orgulho de ser percussor, deixo um recado que espero seja construtivo: sempre acreditem em seus ideais, sejam perseverantes, acreditem nos seus sonhos e trabalhem com amor.





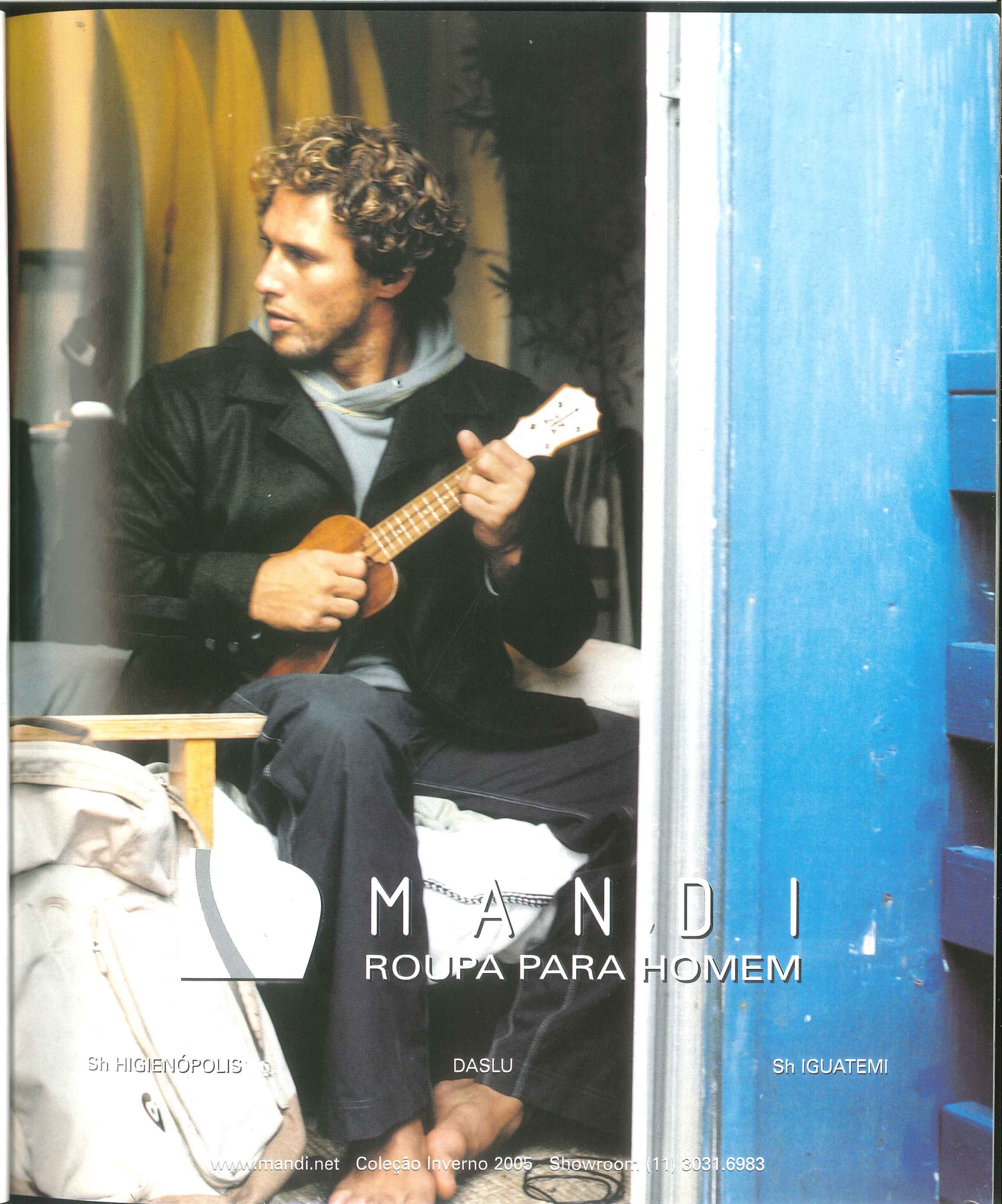
POR NICO PADARATZ

# A FABULOSA PALAVRA RESPEITO

Quando maduros, colhemos, aquilo que plantamos anos atrás, e utilizamos de acordo com nosso aprendizado. Hoje temos uma disciplina mais educada sobre a questão comportamental. Mas há uma questão que não resolvemos na vida. Não nascemos sabendo qual será nosso comportamento. Cada ser humano tem uma maneira própria de ser, de acordo com a educação recebida. Atualmente, algumas coisas no mundo estão incontroláveis.

A criminalidade, por exemplo, muitas vezes não tem o menor motivo aparente. Simplesmente acontece por vontade de alguns. Fico chocado em ver o mundo numa situação que nós mesmos criamos. A terra é uma dádiva divina que recebemos e nunca agradecemos.

Eu dou graças por essa dádiva todos os dias, e por todos os caminhos e lugares por onde passo. O mundo se tornou mais egoísta. As pessoas têm oportunidades, mas não enxergam as cores, não escutam o som da natureza. Estão se destruindo sutilmente, fazendo sobreviver as classes mais privilegiadas e poderosas. Eu gostaria de ter um microfone para poder me comunicar com o resto do mundo em tradução simultânea para todos os idiomas. Para que, por uma hora sequer de trégua, as pessoas pudessem escutar e avaliar o tamanho do prejuízo que estamos causando ao mundo e aos nossos lares. Sou uma pessoa que aprendeu a ter boa educação e a respeitar quem quer que seja. Existem outros que não têm educação e não aprenderam a respeitar ideais, religiões ou classes sociais. Deveríamos nos unir em busca de um comportamento melhor, de respeito, de educação e aprendizagem. Somos seres humanos e diferentes uns dos outros, pois cada qual recebeu um tipo de educação diferenciada. Procurar uma qualidade de vida superior pode, com certeza, fazer-nos acordar pela manhã sorrindo. Temos que perder a vergonha de respeitar, para podermos viver melhor.



# M A N D I

ROUPA PARA HOMEM

Sh HIGIENÓPOLIS

DASLU

Sh IGUATEMI

www.mandi.net Coleção Inverno 2005 Showroom: (11) 3031.6983

# marcela

SÓ PARA MULHERES

—POR MARCELA CARROCINO

O surf em pé na prancha, sua mais refinada expressão, começou nos idos do primeiro milênio e era praticado por todas as pessoas, independentemente de sexo ou idade. No Hawaii antigo, as mulheres surfavam com os homens, tinham picos batizados com seus nomes, eram descritas em gravuras e até mesmo mitificadas. No entanto, depois de quase dizimado nas décadas anteriores, devido ao massacre da cultura havaiana por seus colonizadores, o esporte reapareceu no início do século passado, praticado apenas por homens e garotos. Porém, algumas brechas foram dadas, e a mulherada voltou à tona. Isabel Letham, australiana que surfou com Duke Kahanamoku durante uma demonstração em Sydney, no ano de 1914, ficou conhecida como a mãe do surf aussie. Outra guerreira

foi Mary Ann Hawkins, que surfou até os 63 anos e ensinou mais de 10 mil pessoas a nadar. As mulheres também marcaram presença na evolução das pranchas. No início dos anos 1950, na praia de Malibu, Califórnia, foi feita uma série de pranchas mais finas, leves e fáceis de manobrar. Eram as chamadas "girl boards", específicas para um pequeno grupo de adolescentes, dentre elas Kathy Kohner, a mascote do grupo de Mickey Dora. Gidget de Brentwood, como era mais conhecida, teve a brilhante idéia de contar seu cotidiano em Malibu através de uma novela. Assim sendo, seu pai deu início ao projeto, que vendeu mais de meio milhão de cópias — acabou sendo contratado para fazer o primeiro filme de surf de Hollywood. No final dos anos 1950, o esporte era totalmente dominado pelos homens. As poucas mulheres que se aventuravam frente ao preconceito tinham que se submeter a roupas e equipamentos desapropriados e a chacotas de todos os tipos. Nat Young chegou a dar um depoimento histórico a uma revista dizendo que as mulheres não deveriam surfar, pois estariam se fazendo de tolas. Foi nesse período conturbado que surgiu a californiana Marge Calhoun, que venceu o Makaha International de 1958, o maior evento de surf da época e considerado o primeiro campeonato moderno da modalidade. Teve duas filhas, Candy e Robin, que também seguiram no esporte. No início dos anos 1960, as três se tornaram ícones do surf feminino. Marge foi a primeira secretária da Associação de Surf dos Estados Unidos, fundada em 1961, e a única juíza na época. Sua filha Candy foi a primeira mulher a surfar Pipeline. Outra personalidade da época foi Linda Benson, que venceu o mesmo campeonato no ano seguinte, com apenas 15 anos. Foi também a primeira a encarar Waimea Bay grande e, em 1963, ser capa de uma revista. No mesmo período, Rell Sunn, de Makaha, Oahu, teve uma gravidez precoce que a deixou afastada das ondas por quase cinco anos. Retornou em grande estilo, tornando-se a primeira salva-vidas mulher. Os anos 1970 viram a formação de alguns grupos, como a Associação Internacional de Surf Feminino e a de Mulheres Surfistas. No final da década, existiam três revistas de surf feminino, dezenas de linhas de roupas e acessórios exclusivos, documentários e escolas de surf somente para mulheres.

Mesmo com o advento da divisão feminina no campeonato mundial, as mulheres ainda ficaram numa posição secundária.

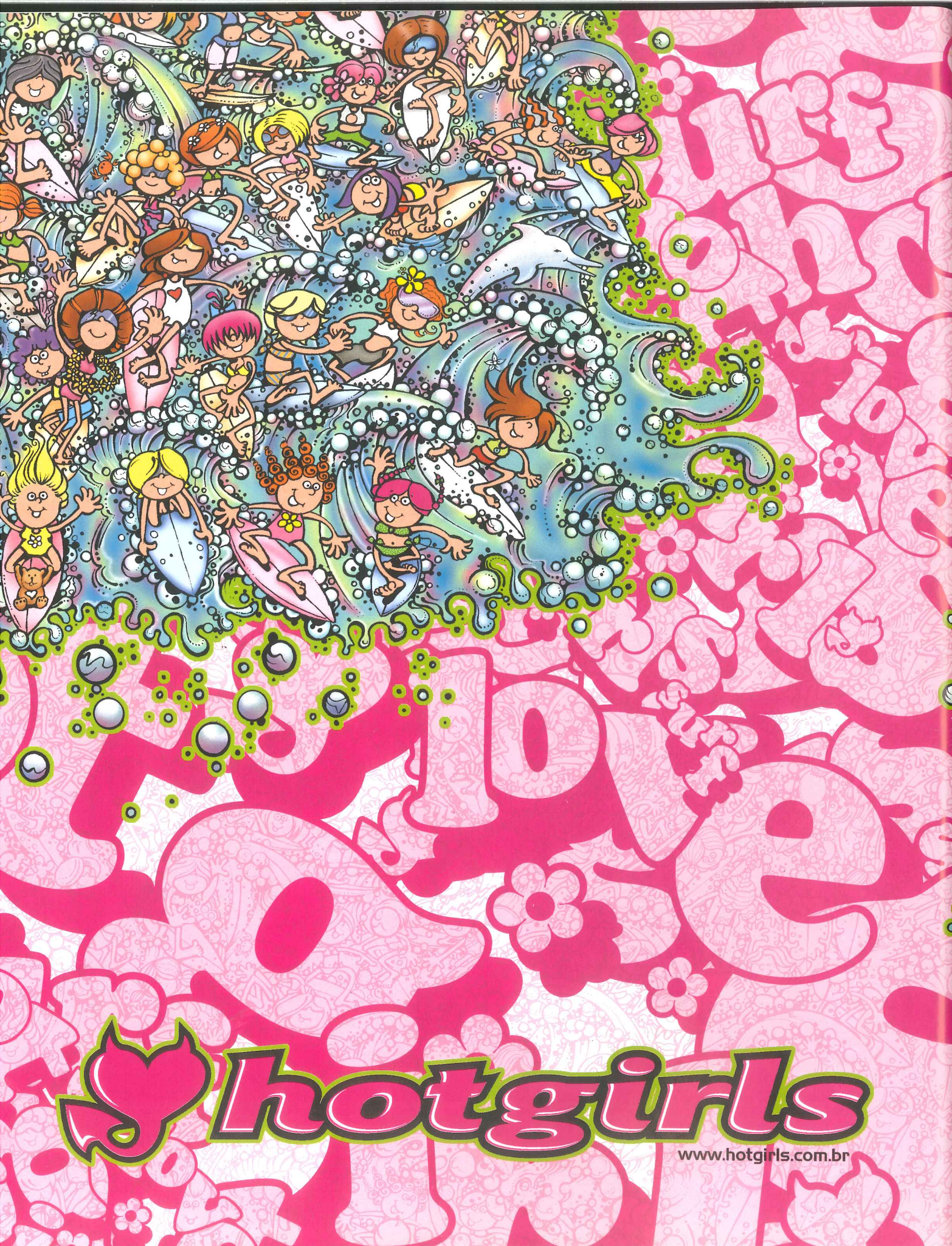
Nos anos 1980, o circuito masculino era composto por 11 etapas e distribuía prêmios de 239 mil dólares; o feminino consistia em apenas duas etapas, com valor total de 10 mil dólares. Mas as mulheres continuaram insistindo, e a cada ano aumentava o número de talentos no surf feminino. Como Frieda Zamba, da Flórida, um modelo de controle mental e físico com pouco interesse em fama e reconhecimento. Foi campeã mundial em 84, 85, 86 e 88 e a primeira surfista profissional a entrar num treinamento de alta intensidade, tendo até um psicólogo desportivo. O 1º Campeonato Mundial Feminino aconteceu em 1977, e esse período foi dominado por duas atletas: Lynne Boyer e Margo Oberg. A americana Lynne mudou-se para o Hawaii em 1968 e dez anos depois tornou-se bicampeã mundial [78 e 79]. Chamava a atenção por seu radicalismo nas ondas e seu visual de cabelos vermelhos e pranchas pintadas, sendo a surfista mais fotografada de sua era. Revelou ser viciada em álcool e cocaína, além de homossexual, deixando de surfar por um longo período enquanto se recuperava. A havaiana Margo foi campeã mundial em 1968, 77, 80 e 81 e constantemente é citada como a primeira big-rider mulher a dropar ondas acima dos 15 pés em Sunset. Por todas as partes do mundo surgiam novas promessas, como Wendy Botha, da África do Sul [naturalizada australiana], quatro vezes campeã mundial. Ficou famosa por manobras radicais e por sua arrogância.

Mas foi no início da década de 1990 que o surf feminino ganhou força. Sem deixar sua feminilidade de lado, Lisa Anderson, mãe solteira e com quatro títulos mundiais, foi a grande referência da época. Após presenciar seu pai destruir sua prancha na adolescência, economizou dinheiro e, aos 16 anos, comprou um ticket só de ida para Los Angeles, fugindo de casa com o objetivo de ser campeã mundial. Dessa mesma geração, podemos ainda citar Layne Beachley, australiana e detentora de cinco títulos mundiais. Acompanhada de seu técnico-mentor-namorado, Ken Bradshaw, foi a primeira a surfar de tow-in ondas de 25 pés, em Log Cabins, Hawaii e Todos Santos, México. Entre as brasileiras, destaque para Jacqueline Silva, campeã mundial do WQS em 2001 e campeã da última etapa do WCT de 2002, em Maui, Honolua Bay, terminando na segunda colocação no ranking final daquele ano, a maior conquista do surf brasileiro até hoje. Outra guerreira brasuca é Maria "Tita" Tavares, que foi campeã do WQS no ano anterior e uma das primeiras a completar aéreos. Atingiu o 4º lugar no ranking do WCT nesse mesmo ano. Embora muitos achem que a [r]evolução feminina no surf seja apenas uma estratégia de marketing, onde patrocinadores buscam atletas pela imagem dentro dos padrões de beleza da sociedade, a performance das beldades vem avançando consideravelmente. Em 2003, as mulheres já representavam 15% da população de surfistas do mundo, e tudo aconteceu devido à insistência dessas pioneiras. A história do surf moderno feminino é, em grande parte, contada pela difícil relação com a maioria masculina e pela pouca valorização da mídia. Ainda que no surf, em sua mais profunda essência, não exista discriminação.

www.smsantamaria.com.br - (11) 3815-5093

# SANTA ★ MÁRIA





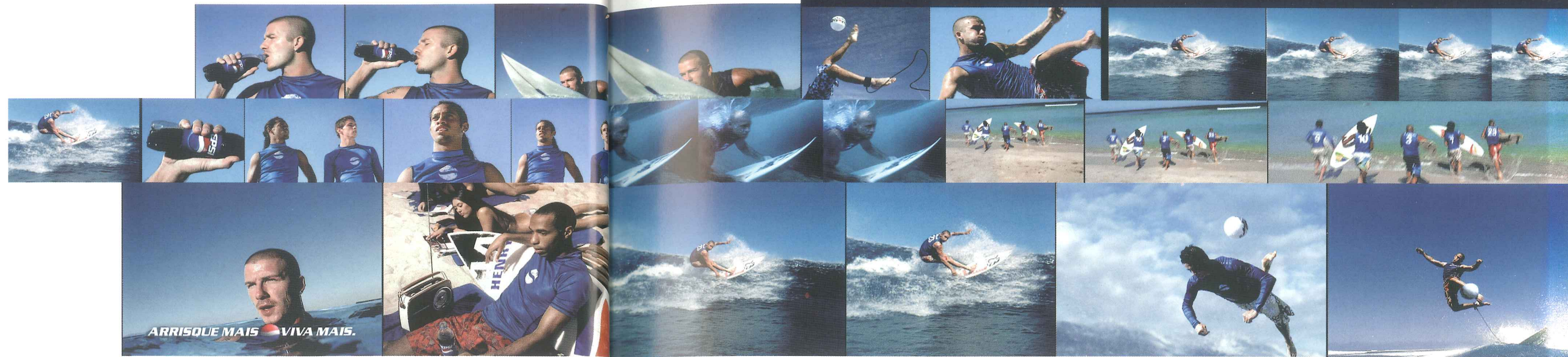
**hotgirls**

[www.hotgirls.com.br](http://www.hotgirls.com.br)



# DEPRESSÃO

POR ADRIANO VIZONI



TECNOLOGIA A SERVIÇO DO HOMEM ALIADA A UMA BOA DOSE DE CRIATIVIDADE E COMPETÊNCIA FAZEM DO NOVO FILME PUBLICITÁRIO DA PEPSI UM VERDADEIRO SUCESSO

# SURF

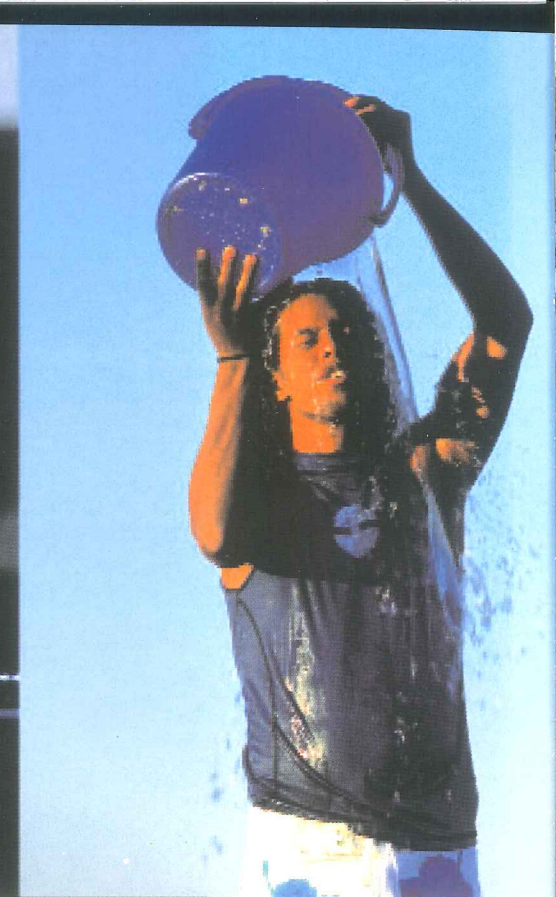


Finalmente, o mais popular e democrático esporte do mundo se rendeu à magia do surf. Recentemente, a Pepsi colocou no ar um filme publicitário com os principais astros futebolísticos da marca surfando numa remota ilha: os brasileiros Ronaldinho Gaúcho e Roberto Carlos; os espanhóis Fernando Torres e Raúl González, além do inglês David Beckham, do francês Thierry Henry e do holandês Rafael van der Vaart.

Para quem ainda não teve a oportunidade de assistir, o filme mostra os boleiros fazendo suas peripécias com a redonda e surfando ao mesmo tempo. O cenário é paradisíaco, ilhas Fiji, e os craques do futebol aparecem pegando altas ondas. Claro que nenhum deles é um exímio surfista, nem a produção teria tempo hábil para ensiná-los a tratar a prancha tão bem quanto tratam a pelota. Como num casting, contrataram surfistas-dublês, todos australianos. No papel do lateral esquerdo Roberto Carlos: Toddy Carmody. David Whitehill atua como Beckham. Lee Jessop e Mark Jistin fazem as vezes de Raúl e Torres, respectivamente. Iasa ficou com a responsa de surfar como o melhor jogador do mundo: Ronaldinho.







**O FILME FOI DIRIGIDO POR TARSEM SINGH, DA PRODUTORA INGLESA @RADICAL MEDIA  
A DIREÇÃO DE CRIAÇÃO FICOU A CARGO DO BRASILEIRO MARCELLO SERPA, DA ALMAP/BBDO**

O trabalho de edição e criação foi tão bem-feito que os jogadores nem precisaram se molhar com água salgada. O francês Thierry Henry, que joga na Inglaterra, gravou nos Shepperton Studios, em Londres, numa gélida noite de novembro. Beckham, Roberto Carlos e Raúl, do Real Madrid, gravaram juntos no Aeródromo Casarubios, um aeroporto particular a 40 quilômetros da capital espanhola. Torres [Atlético Madrid] e Van der Vaart [Ajax], foram filmados no mesmo local. As gravações foram realizadas em setembro do ano passado, durante quatro dias e com temperatura média de 30°C. Os responsáveis pelos efeitos especiais chegaram a construir uma praia naquele local. Demorou quase um mês e foram usadas 206 toneladas de areia de sílica, uma máquina de ondas que circulava 28 mil litros de água a cada minuto e três canhões que lançavam água em diferentes direções. O resultado: uma parede d'água de 3 metros de altura que simulava a espuma de uma onda jorrando por detrás de uma plataforma móvel, onde ficavam os jogadores. Uma cama-elástica foi a propulsora dos chutões, e um "professor de surf" foi contratado para ensinar aos jogadores as posições corretas nas tomadas em que simulavam o surf. As cenas de surf pra valer foram rodadas nas mais que perfeitas ondas da ilha de Tavarua, em Fiji. A surfistada se esbaldou ao som de "Misirlou", do mestre da surf music Dick Dale e seus Del-Tones. Criado pela AlmapBBDO, o filme faz parte da campanha mundial do refrigerante: "Dare for More", no Brasil intitulado "Arrisque mais. Viva mais". Quem dirigiu o filme foi Tarsem Singh, da produtora inglesa @Radical Media, responsável pelas filmagens. A direção de criação ficou a cargo do brasileiro Marcello Serpa, e nós, brasileiros, tivemos o privilégio de ser os primeiros telespectadores a assistir a essa produção internacional. Posteriormente foi veiculado na Europa, América Latina e Austrália. O fato é que a cultura surf ganha cada vez mais espaço e passa a ser difundida mundialmente.



## ENTREVISTA MARCELLO SERPA

POR ROMEU ANDREATTA

Aproveitando a onda, entrevistamos Marcello Serpa, diretor de criação e sócio-proprietário da AlmapBBDO, uma das maiores e mais premiadas agências de publicidade e propaganda. Em meio aos atributos diários de um homem da criação, ele nos recebeu para falar sobre surf, vida, cultura, prazer e o novo filme da Pespi, o comercial mais caro da propaganda brasileira.

### Como começou sua relação com o surf?

Nasci em frente à praia de Copacabana. Comecei a surfar com aquelas pranchas de isopor e ficava todo assado. Entrava em qualquer mar de ressaca. Meu pai pegava onda de body surf e praticava pesca submarina na praia do Leme, na época em que ainda existiam peixes por lá.

### Então foi ele o responsável pela sua iniciação?

Foi ele quem me ensinou as primeiras braçadas, como entrar e sair da vala e da boca do rio, correnteza, essas coisas. Com 10 anos, eu e meu irmão ganhamos uma prancha do meu pai: uma Rico usada, vermelhona e cheia de bolhas. Algum tempo depois, ganhei outra e passei a surfar todo dia no Arpoador, antes de ir pra escola.

### E continua assim até hoje?

Não tão assíduo, mas o surf continua presente na minha vida. Esse dia-a-dia durou até minha ida para a Alemanha, onde morei por sete anos. A saudade das ondas era tamanha que toda vez que vinha ao Brasil passava a maior parte do tempo na água. Depois mudei para São Paulo e o Rio ficou mais perto.

### Por que no Rio, não surfava no litoral paulista?

Naquela época ainda existia alguma rinha, e os cariocas não eram benquistos no litoral paulista. Mas hoje esse comportamento mudou completamente. Tenho uma casa na praia

de Itaguaíba [condomínio fechado no Guarujá] e pego onda todo final de semana. Já surfei também em Maresias, Baleia, Camburi, sempre sossegado.

### O surf te inspira?

É difícil dizer se inspira ou não. O que posso dizer é que adoro surfar, não me vejo sem pegar ondas. Como faz parte da minha vida desde moleque, talvez, seu eu o tirasse um pouco dela, saberia se me inspira ou não.

### Então, apesar de ser um publicitário requisitado e atarefado, sempre encontra um tempinho para surfar?

Sempre gostei muito da água, joguei pólo, gosto de nadar... Então, se no final de semana eu consigo ficar umas quatro horas no mar, isso me traz uma paz e limpa meu interior. É meu esporte preferido, pois não o considero competitivo. É individualista, é você e a natureza trabalhando harmoniosamente uma relação entre o indivíduo, a onda e a prancha. Se você erra, fica bravo consigo mesmo. É um exercício de definição de estilo. No final, o que prevalece é a sua maneira de surfar.

### E culturalmente, o surf dita uma maneira de viver, definindo padrões e convicções sociais?

Acredito que sim, o surf mudou de geração para geração. Vejo muita agressividade no surf de hoje, coisa que não existia quando eu era moleque. Naquele tempo havia brigas na praia só quando um rabeava o outro. Época em que os Gracies eram referência no surf e nos tatames. Existia uma hierarquia no outside muito forte. Desde pequeno se aprendia a respeitar os mais velhos e saber quando poderia dropar e na onda de quem entrar. Era mais tranquilo. Hoje em dia, vejo uma agressividade grande nos estilos e até na maneira de encerrar a onda. Quando o mar está pequeno, fica um amontoado no mesmo pico, formando uma junção de culturas dentro de uma cultura única.



PRÊMIOS NACIONAIS



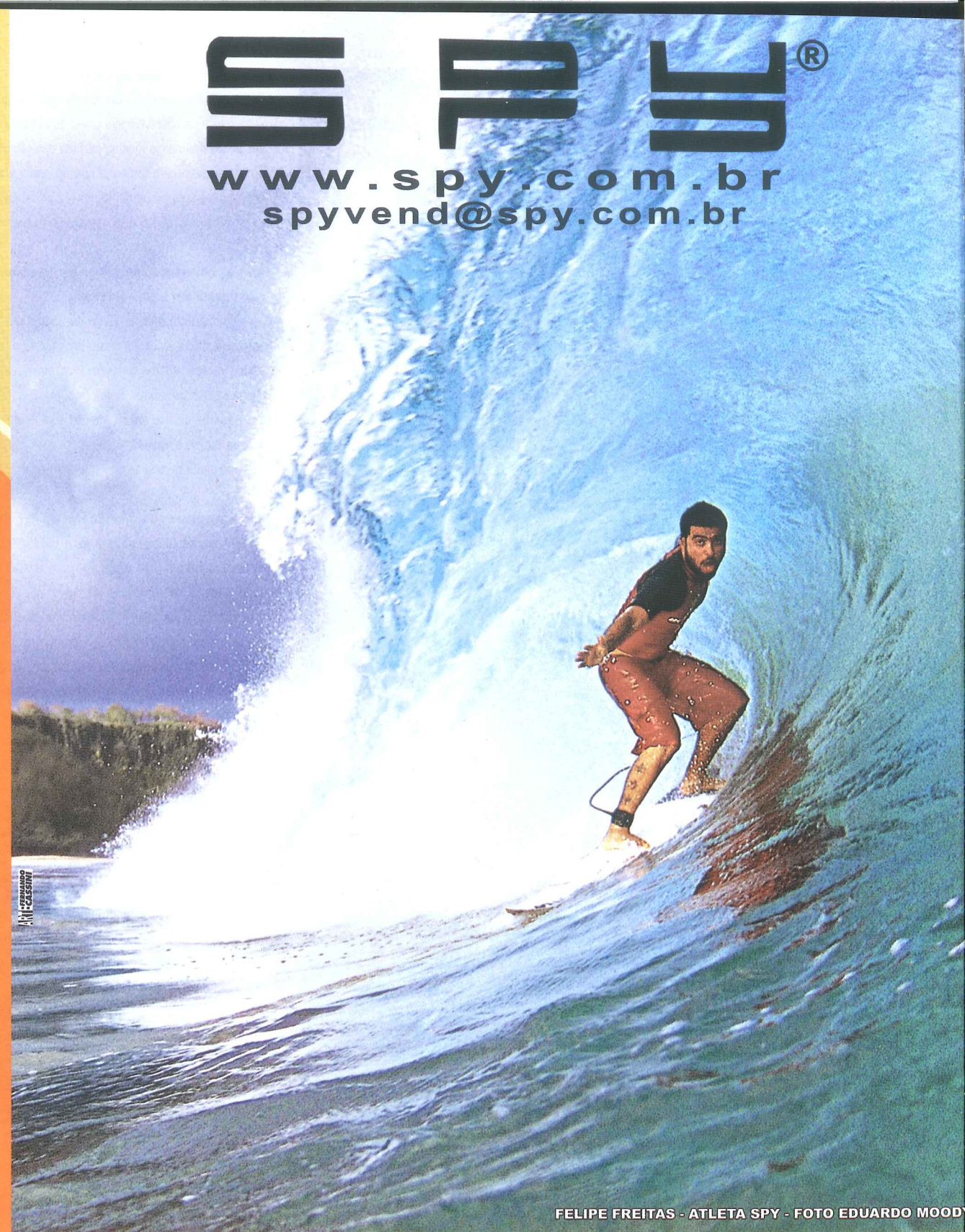
INTERNACIONAIS



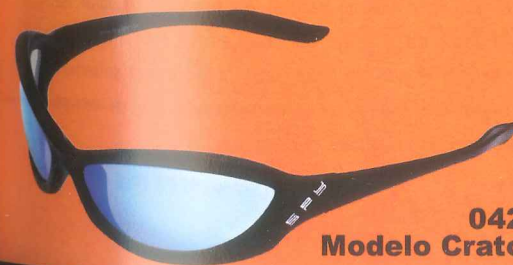
O ÚNICO NO BRASIL COM O SÉLO DE QUALIDADE INMETRO

**SPY**®

www.spy.com.br  
spyvend@spy.com.br



FELIPE FREITAS - ATLETA SPY - FOTO EDUARDO MOODY



042  
Modelo Crato



041  
Modelo Speed



040  
Modelo Bog

**O SURF, INDEPENDENTEMENTE DE PEGAR ONDA OU NÃO, TE PROPORCIONA UM BEM-ESTAR COM A NATUREZA**



**Então prefere dropar as maiores?**

Prefiro o mar grande, pois tira o ego de qualquer um. O perrengue e o sentimento de sobrevivência unem as pessoas. Há dois anos fui pela primeira vez ao Hawaii nesse mesmo período pós-temporada [março/abril]. Tinha onda pra caramba e num tamanho que eu podia encarar, 6 a 8 pés. Peguei muita onda boa e sem problema algum. Quando você entra no mar e sorri para as pessoas, passa uma boa vibração e se vale ao respeito.

**Mas os havaianos não são os surfistas mais cordiais do outside, principalmente em ondas grandes.**

Mas é uma outra relação. Certo dia, entrei em Sunset e comecei a remar pelo canal, vendo as séries entrando lisas e com o vento terral. Perfeitas! Somente essa sensação já me bastava, mas ainda peguei tanta onda que um local chegou perto de mim e, numa boa, disse que eu já havia "surfado demais". Eu perguntei se isso era realmente ruim, e ele respondeu que sim. Me afastei por um tempo e, quando retornei, peguei mais umas e sai numa boa. Eu não entendo muita bem essa rinha. Briga dentro d'água é assustador.

**Como aconteceu essa união surf e futebol?**

Eu tinha um trabalho para fazer para a Pepsi, que era usar os jogadores de uma maneira diferente, não usual. De cara pensei que o surf seria ideal, pois se junta esporte de massa, universal, como o esporte que considero o mais aspiracional. O surf, independentemente de pegar onda ou não, te proporciona um bem estar com a natureza. É um esporte que te coloca no que considero o coração da natureza. Você fica dentro do mar, boiando, esperando, e vai junto com o mar. O surf nada mais é do que deslizar junto com a onda. É um ambiente para todos, e é sempre relacionado a coisas que a vida tem de melhor: sol, mar, sensualidade, alegria, calor, leveza. Mas tem um ponto onde o surf é atípico aos outros esportes. Pra se surfar bem, leva-se muito mais tempo do que pra jogar bola. Nesse ponto o futebol é mais democrático. Quis juntar esses dois lados: o aspiracional e o democrático.

**E foi difícil ensinar os boleiros a surfar?**

Fazer um filme de futebol usando o surf poderia ficar bom pra qualquer um que goste de futebol [quase todo mundo], a não ser para os surfistas. Errar uma coisinha no universo do surf implica não entender absolutamente nada daquilo. É muito fácil errar. Mas o filme tinha que ser verdadeiro, e não soar falso. Esse era o maior medo da equipe: juntar surf e futebol de uma maneira que desagradasse. Mas como fazer um filme de surf onde os astros principais são jogadores de futebol? Não dá para ensinar surf para o Beckham ou para o Ronaldinho em algumas semanas, leva-se anos para tal. Então decidimos utilizar dublês, que realmente surfaram as ondas do Taiti. Mas o filme não tem falcatruas, e acredito que realizamos um bom filme, que agradou a ambas as partes.

**E como tem sido a repercussão?**

Ótima, excelente, não poderia ser melhor. Acabou de sair uma pesquisa da revista Meio e Mensagem destacando as propagandas preferidas do público no mês passado. Deu surf na cabeça. O filme seria lançado na primeira semana de janeiro, mas em virtude do tsunami, o lançamento mundial foi adiado. Não acho que uma coisa possa ser relacionada a outra, mas em virtude das circunstâncias seguramos mais um pouco. Dois meses depois, soltamos aqui na América Latina, primeiramente no Brasil. Merecido, afinal temos grandes surfistas e os melhores jogadores do planeta.



**D** **Y** **E**  
**DRIVE YOU**



Tel. (41) 288 1516 [www.waikiki.com.br](http://www.waikiki.com.br)

SEA FRONT IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA FONE 011 6890 8666

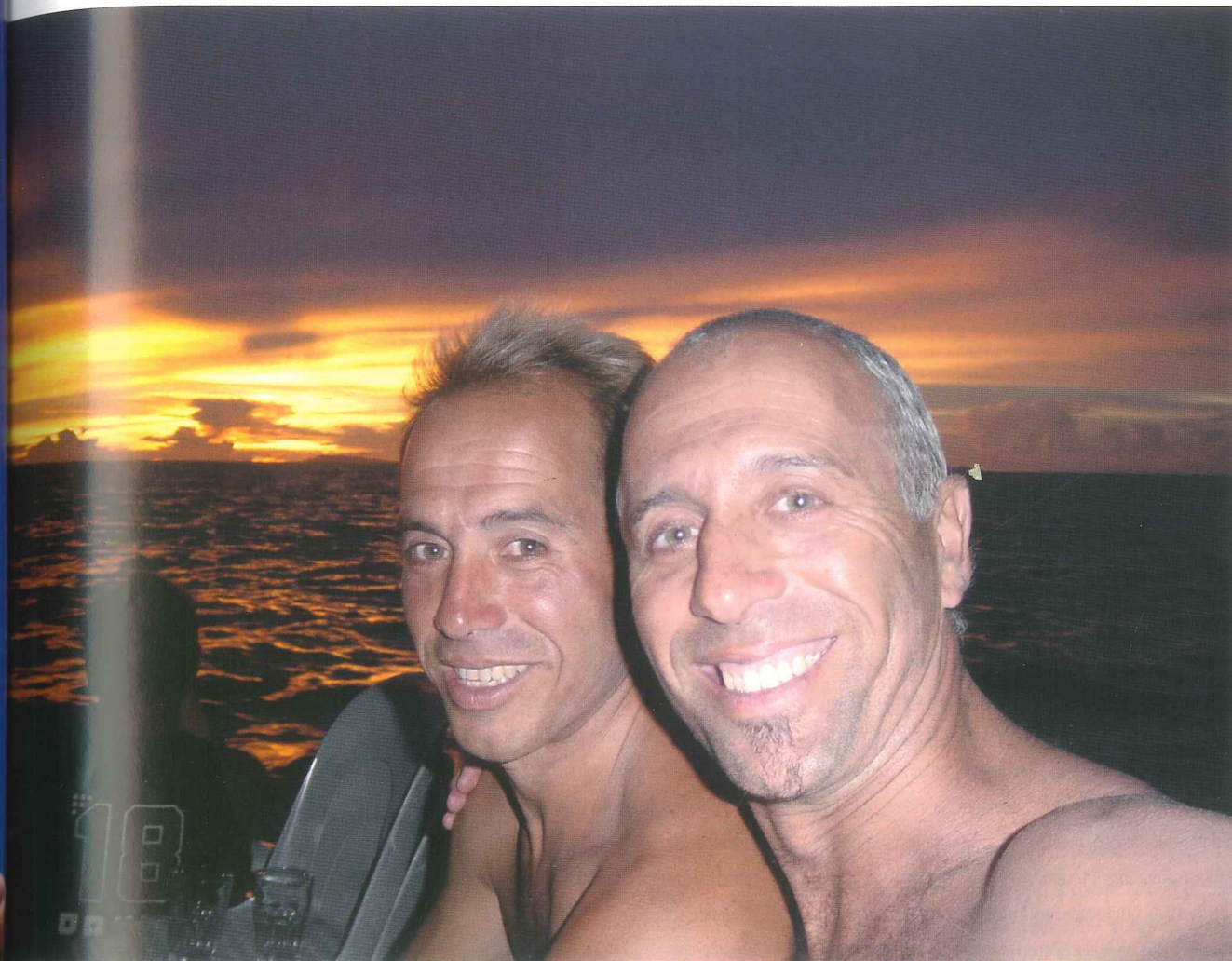
MARCELO NUNES  
TEAM INTERNATIONAL  
TOWN & COUNTRY  
WCT



- Brasil*
- New Zealand*
- Australia*
- South Africa*
- USA*
- Japan*
- Spain*
- France*
- UK*
- Peru*
- Wawaii*



*Craig Sagihara  
President & Founder  
Town & Country Hawaii*



## A BUSCA DA VIDA NO SURF CRIOU UMA MARCA GLOBAL

POR ROSALDO CAVALCANTI  
FOTOS ARQUIVO PESSOAL DOS AGUERRE

Numa surf trip pelo meridiano que corta o mundo em dois hemisférios, a bordo de um barco em águas equatorianas, conversamos com os irmãos Aguerre, fundadores da Reef Brasil. O que parecia um eterno sonho longe de ser alcançado, tornou-se realidade e os "Mickey Doras" contemporâneos reescreveram sua história. Nossos heróis portenhos batalharam com todas as armas e forças. Venceram. Conheça as estórias que circundam uma vida dedicada ao crescimento e ao profissionalismo no surf.



Fernando e Santiago Aguerre nasceram em Mar del Plata, o balneário mais famoso da Argentina, cidade onde a vida gira em torno do mar e que foi berço do surf no país de Perón, Piazzola e Maradona. "Existe uma rivalidade e uma diferença grande entre os argentinos de Buenos Aires e nós, que somos de Mar del Plata, tão diferentes quanto os paulistas dos cariocas." Os Aguerre tiveram uma infância tranqüila no balneário. "Éramos uma típica família de classe média", explica Fernando. Mar del Plata é uma cidade que vê sua população de 800 mil habitantes praticamente dobrar com a chegada dos turistas, principalmente dos portenhos, durante os meses de verão. "Imagine, o Rio sendo invadido pelos paulistas", compara Santiago. Com seu ritmo de vida variando de acordo com a estação do ano, e com uma economia voltada para o turismo, chega a parecer uma cidade fantasma durante o inverno.

Os irmãos começaram a surfar na década de 1960. "Tínhamos uns 7 ou 8 anos e surfávamos com pranchas de isopor." Só no final dos anos 60 é que os Aguerre conheceram as pranchas de surf. Como irmãos, Fernando e Santiago sempre foram incentivados a dividir tudo, e com a primeira prancha não foi diferente. "Nossa parceria no surf começou logo na primeira prancha. Como ela pesava uns 25 quilos e nós ainda éramos bem pequenos, um precisava do outro para conseguir carregá-la até a praia." Nascia ali uma das parcerias mais lucrativas do mundo do surf. Durante a década de 1970 o número de surfistas argentinos passou de menos de 300 para mais de 5 mil. Como não há muitas opções de surf ao longo daquele litoral, eram obrigados a surfar nos arredores de Mar del Plata. Quando pequeno, Santiago não sabia o que queria fazer da sua vida. "Só encontrei a resposta quando virei surfista." Daí em diante, não teve mais dúvidas: "Depois de começar a surfar, tudo o que eu fiz na vida foi com o objetivo de pegar as melhores ondas do mundo".

Santiago começou a surfar no final dos anos 60, aos 10 anos de idade. Por volta de 1968, existiam no máximo uns 50 surfistas na Argentina. "Um dia fui à praia e notei que havia alguns caras surfando de pé." Depois de ficar observando os surfistas, voltou correndo para casa, a fim de contar a novidade para seu irmão mais velho. Fernando e Santiago sempre foram curiosos e observadores. Depois de olharem de perto a novidade, os dois acabaram arrumando uma prancha emprestada. O surf praticado naquela época na Argentina era bastante precário, tanto que não existiam roupas de borracha nem cordinha. "A parafina era uma cera de vela que nós derretíamos sobre a prancha", recorda-se Fernando. De fato, no final dos anos 60 o surf argentino ainda se encontrava na pré-história.

### IMPORTANDO IDÉIAS

No dia 15 de setembro de 1977, Fernando completou o serviço militar obrigatório na Argentina, na época um país que vivia sob o domínio de uma das mais sangrentas ditaduras. Quando ele tinha acabado de fazer 18 anos, os militares tomaram o poder naquele país. "Foram anos difíceis para todos os argentinos. Não se podia mais caminhar tranqüilo pelas ruas. Havia muitos seqüestros, e ninguém se sentia seguro." Além de crimes violentos e decisões equivocadas, em 1977 os militares proibiram o surf. "Na época, existiam no máximo uns 300 surfistas em todo o país." Santiago lembra que "quem não tinha carro para ir surfar em outro lugar estava condenado a abandonar o surf". Fernando estava servindo o exército durante a maior parte do tempo em que o surf ficou proibido em Mar del Plata e não se deu conta do que os militares haviam feito. "Quando saí do exército foi que descobri que o surf havia sido proibido."

Depois de reunir alguns amigos e fundar a primeira federação de surf argentina, Fernando passou a lutar para que o surf fosse liberado. "Fundamos a federação na clandestinidade, com o objetivo de tentar tirar o surf da ilegalidade." Ele e seus amigos estavam decididos a provar aos militares que a prática do surf não oferecia nenhum perigo para a ditadura. "Éramos apenas um bando de cabeludos querendo nos divertir surfando." Com o passar do tempo, e graças à retórica de Fernando e de seus amigos cabeludos, o surf acabou sendo liberado. Apesar de os militares não aprovarem o estilo de vida dos surfistas nem seus cabelos compridos, eles perceberam que aquela tribo não representava nenhum perigo em potencial ao regime. "A política não nos interessava naquele momento", afirma Fernando. Com o surf novamente liberado, o número de surfistas na Argentina aumentou então de 300 para mais de 5 mil em menos de dois anos.

Quando Santiago estava prestes a servir o exército na Argentina, seu cabelo chegou a ser cortado pelos militares. Mas depois de passar 40 dias no exército, e tudo já parecer estar perdido, simulou uma crise de asma e acabou dispensado do serviço militar obrigatório. Foi quando decidiu deixar a Argentina. "Estava cansado dos militares. Resolvi pegar um ônibus e me mandar para o Brasil." Depois de dois dias de viagem, Santiago finalmente chegou ao Rio de Janeiro. "Tinha ouvido falar de Saquarema, e acabei indo pra lá junto com outros argentinos. Fiquei mais de um mês em Saqué." Santiago viveu muitas aventuras por lá: "Mulheres, drogas, ondas boas... Saquarema era um reduto de personagens pitorescos. Parecia um filme de Walt Disney". Fernando foi um pouco depois, junto com outros três amigos.



Greg Noll, Fernando e a prancha de Bob Simmons

Fernando surfando em Windansea, Califórnia

Santiago, Mentawai



"Fomos de carro desde Mar del Plata até o Rio de Janeiro." Depois de três meses em Saquarema, Santiago já falava bem português e aprendeu a distinguir maconha boa da palha. "O soltinho de Saqué foi uma grande descoberta. Na Argentina só tinha um prensado que me dava vontade de dormir."

Além das ondas, das mulheres e da maconha, Santiago encontrou no Brasil tudo o que ainda não existia na Argentina. "Conheci e conversei com profissionais e me toquei que era possível reproduzir na Argentina algo parecido." O surf na Argentina ainda era primitivo nessa época. "Não tínhamos equipamentos. Tudo era improvisado. Desde a parafina, passando pelas pranchas, até as roupas de borracha." Depois de surfar em Saquarema, a trupe liderada por Fernando e Santiago acabou batendo no Arpoador. "Foi no Arpoador e em Saquarema que tivemos o nosso primeiro contato com a cultura do surf", revela o primogênito.

Fernando já organizava campeonatos de surf na Argentina quando esteve no Brasil em 1978. Mas ter assistido na praia do Diabo às finais do Waimea 5000 daquele ano mudou sua maneira de enxergar o surf. O campeonato acabou sendo vencido por um jovem loirinho australiano de apenas 17 anos, chamado Cheyne Horan. Ali Fernando entendeu que havia um caminho a ser seguido em direção ao profissionalismo. Em 78 a cena do surf brasileiro era de vanguarda se comparada à argentina. "Surfistas profissionais, patrocínios, marketing, mídia, mercado, revistas, televisão... no Brasil eu encontrei algo que ainda não existia na Argentina." Registrou tudo que viu pela frente. "Eu tinha uma câmera super-8, e acabamos fazendo um filme [South Atlantic Ways] e exibindo-o na Argentina, para centenas de pessoas, durante sessões que promovíamos em festas, salas de cinema e colégios."

No Brasil, os Aguerre se tocaram de que já existia um mercado e um marketing no qual o profissionalismo se apoiava. "Nossa percepção do que era o surf mudou completamente depois que voltamos do Brasil em 78", garante Santiago. Em março de 1979, Santiago fez uma viagem ao Peru. "Voltei em abril para a Argentina, com a mala cheia de cordinhas, extensores e a fórmula da Waxmate."

De volta a Mar del Plata e enxergando uma boa oportunidade de ganhar dinheiro com o crescimento do surf, Santiago propôs que ele e Fernando abrissem uma surf shop. "Não tínhamos dinheiro, mas também não havia concorrência. Nossa referência era a Magno, uma surf shop que ficava no Rio, pertinho do Arpoador."

Cheios de idéias, mas sem capital para investir, Fernando e Santiago deram os primeiros passos de acordo com o tamanho de suas pernas. Sem saber bem no que aquilo tudo ia dar e guiados pela vontade de se envolver com o surf, se tornaram pioneiros da indústria do surf na Argentina. Mesmo enfrentando dificuldades, a surf shop deles era um dos melhores negócios de Mar del Plata. "No Natal não sobrava nem uma parafina na prateleira." Foi uma época de realização para aqueles dois jovens surfistas que sonhavam em viver do surf. "Éramos jovens, tínhamos carro, um dinheirinho para gastar com as garotas e a oportunidade de viajar pelo mundo. Nossa vida era perfeita", lembra Fernando. Seis meses depois de voltarem do Brasil, eles possuíam um programa de rádio, um espaço na tevê local, uma revista e uma surf shop. De uma hora para a outra, os dois haviam construído um minimpério de comunicação e se tornado os reis do surf argentino. "Tudo foi criado e inspirado no que víamos no Brasil", explica Santiago. Graças ao espírito empreendedor dos Aguerre, em menos de 12 meses o surf no país saía da pré-história.

#### EMPREENDEDORISMO NÔMADE

Em 1979 Santiago partiu para o Peru. Depois de passar alguns meses surfando durante o verão, retornou à Argentina. A pressão para se tornar advogado não o deixava em paz, e o verão de 81 se aproximava do final. As ondas estavam muito pequenas, e um vento frio de arrepiar soprava sem parar. Santiago aproveitou o pôr-do-sol para refletir um pouco sobre o seu futuro como advogado na Argentina e acabou decidindo que não era aquilo que queria para sua vida. Após avaliar os prós e os contras, chegou à conclusão de que a carreira de advogado iria transformá-lo num velho gordo e careca. "Resolvi ir embora da Argentina, e alguns meses mais tarde já havia passado pelo Peru, Chile, ilha de Páscoa e Taiti, antes de aterrizar na Califórnia. Teve um momento em que eu tinha apenas 76 dólares no bolso."

Em 1981, Santiago finalmente chegou à Calif. Logo começou a namorar uma americana e foi morar com ela em San Diego. Nos meses seguintes, organizou uns 30 campeonatos de surf. "Um em cada final de semana." Nesse meio tempo, conheceu o dono de uma surf shop que estava à beira da falência. Como não tinha dinheiro para comprar parte do negócio, convenceu o americano a lhe vender metade da loja e a aceitar receber o pagamento com seu trabalho. "Meu salário na loja eu usava para pagar a dívida que havia contraído para comprar 50% do negócio. Por isso, tinha que trabalhar de noite como garçom para pagar as minhas contas." Fernando foi visitá-lo em maio de 82 e acabou ajudando o irmão a remontar a loja, que logo passou a dar lucro. A experiência e o tino comercial dos Aguerre transformaram uma surf shop quase quebrada num bom negócio. Em pouco tempo, Santiago pôde largar o emprego de garçom e se dedicar exclusivamente à loja na Calif. Fernando acabou voltando para a Argentina, pois arquitetava outros planos. "Eu tinha muitos amigos que estavam morando na Europa, e minha ligação com a música só fazia aumentar a vontade e a curiosidade em conhecer o velho mundo." Por causa do frio que faz durante a maior parte do ano na Argentina, os portinhos não costumam ir à praia além do verão. "Mar del Plata não é como o Rio, onde todo mundo vai à praia o ano inteiro." Fernando aproveitava suas viagens ao Brasil para se atualizar. "Em 1975 as pranchas no Brasil eram muito mais caras que na Argentina. Eu vendi a minha no Rio e gastei todo o dinheiro comprando LP's nas lojas de disco". Além de surfista, Fernando é DJ. "Depois que voltei do Brasil cheio de discos novos, passei dois anos seguidos ganhando dinheiro como DJ e promotor de festas." Os surfistas são como Peter Pans modernos, vivendo numa "Neverland" feita de ondulações, tubos e espumas de água salgada. Aos 45 anos de idade, Santiago é o mais novo dos Aguerre. Parece um garoto quando fala de surf. "O surf me ajudou a conhecer o mundo e me deu condições de desfrutar do estilo de vida que sempre sonhei. Depois da minha família, é a coisa que mais amo na vida." O sonho de todos os pais é que seus filhos sejam amigos, mas nem sempre isso acontece. A amizade que existe entre duas pessoas não costuma ser proporcional aos laços sanguíneos que as unem. Além de melhores amigos, Santiago e Fernando foram sócios em praticamente todos os negócios que fizeram na vida. Entre os dois parece existir uma química perfeita e uma confiança sem limites. "Somos cúmplices em tudo", revela Santiago.

#### DITADURA x MACONHA

Em 1981 Santiago estava prestes a dar o passo decisivo na vida. "O que todos esperavam era que eu entrasse na faculdade e seguisse a carreira de advogado, médico ou engenheiro, que me casasse e formasse uma família. O surf estava condenado a ocupar um espaço cada vez menor." Quando as coisas pareciam caminhar de acordo com o script inicial, Santiago rompeu com tudo e seguiu um caminho diferente. O mês de março estava começando, mas o vento frio já soprava como prenúncio da chegada de mais um inverno. "Eu me preparava para voltar à universidade e enfrentar um frio congelante. Procurei meu pai e comuniquei que estava abandonando tudo pra morar na Califórnia."

Santiago decidiu ouvir seus instintos e ser guiado pelo coração. "Meu pai perguntou se eu não voltaria para a universidade, e como eu pretendia sobreviver na Califórnia." Como não tinha resposta para aquelas perguntas, Santiago explicou que, em primeiro lugar, precisava da ajuda do pai para arrumar coragem e seguir em frente. E que só depois iria pensar numa maneira de viabilizar sua vida. Em menos de dez dias, Santiago mudou o curso da sua vida. "Minha mãe me deu de presente uma passagem só de ida para a Califórnia. Foi uma forma que ela encontrou de me ajudar a criar coragem."

Depois de vender tudo que tinha e fazer um acordo com Fernando em relação à sociedade na surf shop, Santiago convocou seus melhores amigos e disse para eles dividirem tudo o que havia guardado em seu quarto. "Só me restou uma prancha e uma mochilinha." No dia 15 de março de 1981, botou o pé na estrada. "Fui primeiro para o Peru, onde passei um mês e meio." Fernando foi encontrá-lo, mas depois de algum tempo voltou para a faculdade de direito, na Argentina. Santiago enfiou o pé na estrada: "Desci para o Chile, depois fui para a ilha de Páscoa e acabei em Huahine, no Taiti, antes de chegar à Califórnia, em junho de 81". Enquanto isso, na Argentina, os militares continuavam radicalizando. "Um dos motivos que me fizeram abandonar a Argentina foi escapar dos militares." Durante boa parte da década de 80 a ditadura se manteve no poder. Nas ruas a repressão era absurda. Fernando foi quem viveu mais de perto aqueles tempos de pouca liberdade. "Eu estava mais preocupado em surfar e fumar maconha. Se tivesse me envolvido com a política naquela época, provavelmente não teria sobrevivido. Na realidade, o surf e a maconha salvaram a minha vida."

Fernando decidiu sair fora, para a Europa, a fim de dar vazão ao seu espírito libertário. "Aproveitei para fazer todas as loucuras que a gente faz quando vai pela primeira vez à Europa." Como a mídia e as informações eram controladas pela ditadura, foi lá que ele descobriu que a Argentina havia se transformado num grande campo de concentração. "Pude finalmente entender tudo o que se passava em meu país." Depois de dois meses viajando pelo velho continente, Fernando decidiu visitar Santiago nos Estados Unidos.

Uma vez na Califórnia, Fernando tratou logo de se inteirar do que estava rolando de mais moderno no surf. "Comprei revistas, calções, camisetas, visitei lojas, e acabei comprando uns 50 mil dólares em produtos de surf, importando tudo para a Argentina." De volta à terra natal, e graças às novidades que havia trazido dos EUA, Fernando transformou sua pequena surf shop num verdadeiro pólo do surf, onde os argentinos encontravam o que havia de mais atual em termos de equipamentos e tendências de moda e comportamento. "Todo mês importávamos uns 100 exemplares da revista Surfer."



Shaun Thomson

Greg Noll

Wayne Rabbit

Rob Machado

Andreas Eduardo Pro Team

11 3688 1488 estamos cadastrando representantes

longisland

Fernando aprendeu coisas novas na Califórnia, numa época em que a distância entre o cone sul e a costa oeste da América do Norte era imensa. "Entendi o valor do marketing e como poderia ser aplicado ao surf. Não existia fax nem internet. Falar pelo telefone com a Califórnia era um processo difícil e demorado, tinha que esperar umas duas horas antes de conseguir falar com meu irmão." Dois anos depois dessa viagem, Fernando se formou em direito na Argentina. Um pouco antes da formatura, recebeu uma carta de Santiago. "Eu estava esperando a hora certa para enviar aquela carta para o Fernando", explica Santiago. A carta tinha o teor de um ultimato. "Escrevi para o Fernando dizendo que depois de formado ele tinha duas opções. A primeira e mais fácil: ficar na Argentina e trabalhar de terno e gravata como advogado. A outra, mais difícil e que exigiria dele coragem e ousadia: largar tudo e arriscar uma vida nova junto comigo na Califórnia."

#### PLASURE FOR BUSSINES

Fernando interpretou a carta como um desafio. Foi um momento fundamental para que os dois irmãos se reaproximassem e forjassem entre eles uma aliança eterna. "A carta de Santiago serviu para me mostrar que há muitas maneiras de levar a vida." Um ano depois de receber a carta, e já formado em direito, Fernando ganhou da mãe o mesmo presente que ela havia dado ao filho mais novo. "Não pensei duas vezes, vendi tudo que tinha e parti." Fernando chegou à Califórnia no dia 21 junho de 1984. Santiago já era sócio em uma surf shop. "Eu não era rico, mas já tinha conseguido viabilizar uma vida nova nos Estados Unidos."

Para alguém como Santiago, que até poucos anos atrás vivia o dilema de ter que passar o resto da vida num lugar frio e com poucas oportunidades, aquela nova vida na Califórnia era como um sonho. Seu irmão chegava para somar. Novamente juntos, os Aguerre vislumbravam um mar de oportunidades. Fernando não teve muito tempo para descansar depois da chegada. Santiago já tinha planejado uma viagem para o México. "Fomos para a ilha Natividade, onde acabaríamos montando um surf camp, nosso primeiro negócio nessa nossa nova fase."

O novo "bussiness" dos Aguerre consistia em levar seus clientes num avião velho para Natividade, uma ilha onde não havia nada além de um vento terrível e muito papel higiênico voando pelo ar, sem falar nos cerca de 100 pescadores que moravam na ilha, a maioria deles casada com prostitutas. Mas as ondas eram muito melhores que as da Califórnia, e o vento soprava terra o dia inteiro. Santiago considera Natividade o melhor beach break da América do Norte. "Na primeira viagem, fomos como turistas, mas duas semanas depois voltando como empresários." Fernando e Santiago fretavam um avião de um piloto mexicano e o enchiam de gringos. "Era um bom negócio. Com o tempo passamos a alugar um avião maior e a levar mais clientes. Cobrávamos 250 dólares por uma viagem de três dias e 300 dólares por uma de quatro." O pacote incluía passagem, estadia e alimentação. "Nosso surf camp ficava lotado de abril até o final de outubro. Metade dos top 44 foi conosco para Natividade, e acabamos estrelando quatro capas da Surfer."

A Reef foi fundada em 1985. "Nossa primeira produção foi de 300 pares. No ano seguinte fabricamos outros 15 mil, e em 1987 passamos a produzir 100 mil pares." Os Aguerre acreditam que o crescimento da sua produção está diretamente ligado ao investimento que foi feito em marketing. "No começo investimos praticamente todo o nosso capital em publicidade." Daí em diante, virou loucura, e a Reef explodiu. "Foi quando nos demos conta de que tínhamos criado um negócio de verdade." Fernando acredita que de manhã cedo é a hora em que sua capacidade criativa é maior. "Quando estamos acordando, nossa mente está livre de qualquer pensamento." Foi numa dessas manhãs, enquanto acordava, que Fernando teve a idéia de batizar a sua marca com o nome Reef. "Quando fomos registrar a marca, o advogado nos disse que Reef era uma palavra monossilábica e que por isso poderíamos ter problema para conseguir o registro. Segundo ele, seria mais fácil obter o registro se a palavra Reef viesse acompanhada por outra." Como os chinelos eram fabricados no Brasil, o advogado acabou sugerindo que Fernando e Santiago incorporassem o nome Brasil à sua nova marca. E assim nasceu a Reef Brasil.

Os brasileiros sempre tiveram curiosidade em saber quem estava por trás da Reef Brasil. Imagine a surpresa das pessoas ao descobrir que os donos não eram brasileiros, mas sim argentinos. "Até hoje muitos americanos ainda pensam que somos brasileiros", diverte-se Santiago.



Shaun Thomson e Fred Hemmings

Bill e Laird Hamilton

Jeff Hackman

Ricky Grigg

Vicky Mussio

Paul Naude e Greg Noll

"Nosso caminho foi muito difícil. Eu e o Fernando tocamos nosso negócio baseados na intuição." Os Aguerre não têm vergonha de atribuir parte do seu sucesso à sorte que sempre tiveram. "Sem sorte na vida, a gente não chega nem até a esquina", filosofa Santiago.

A Reef foi conquistando seu espaço no mercado aos poucos, nada aconteceu de uma hora para a outra. Os Aguerre tiveram que ter paciência e esperar alguns anos para colher os primeiros resultados. "No começo, não passávamos de dois imigrantes que sequer falavam bem o inglês. Para os gringos, não importava se éramos argentinos, brasileiros, peruanos ou bolivianos. Teve surf shop que demorou cinco anos para fazer a primeira compra." No início, os Aguerre eram apenas mais dois forasteiros querendo conquistar seu lugar ao sol. "Não tínhamos nenhum padrinho na indústria. Tivemos que ralar muito para chegar aonde chegamos."

Persistentes, logo entenderam que não deveriam colocar todos os ovos na mesma cesta. "Decidimos correr atrás de outros mercados além do americano, e adotamos uma estratégia mais internacional." Os Aguerre sacaram que a Reef precisava expandir suas fronteiras, mas sem perder o foco no mercado americano. Principalmente o do sul da Califórnia, onde estão as principais marcas da indústria. "Em 87 já tínhamos distribuidores na França e nas ilhas Canárias, dois mercados que, juntos, consumiam 15 mil pares por ano."

Em 1989 a Reef ainda era uma marca pequena quando foi convidada a integrar a lista de empresas fundadoras da Sima. Fernando acabou sendo apontado como um dos diretores da nova entidade, que tinha como objetivo unir e organizar o mercado. Foi quando de fato os Aguerre começaram a se relacionar com o restante da indústria. "Os caras passaram a olhar para a gente e dizer: esses sul americanos não são tontos." Utilizando-se da personalidade política de Fernando, os Aguerre foram aos poucos se infiltrando e sendo aceitos pelo resto da indústria. Em 94 Fernando foi eleito presidente da ISA. "Já colaborávamos com a Surfrider, e, graças aos meus cargos na Sima e na ISA, a convivência quase que diária com os chefões da indústria se tornou natural. Num mundo exclusivo dos americanos, australianos e sul-africanos, abrimos as portas para os sul-americanos."

Em 1978, os Aguerre haviam levado os primeiros pares de chinelos do Brasil para a Argentina, dando início a um negócio que mudaria completamente o curso da vida deles. "Em 84 firmamos um contrato de exclusividade com uma fábrica brasileira", explica Santiago. Com o crescimento das vendas, a relação entre os Aguerre e os donos da fábrica começou a mudar. Se no início a direção os tratava com um certo desprezo, aos poucos foi entendendo que aqueles dois tinham um futuro brilhante pela frente. "No início, não passávamos de dois surfistas argentinos sem capital de giro. Dormíamos e acordávamos pensando numa maneira de melhorar nosso produto."



FOTO: LEVY PAIVA





A partir de 1995, a Reef deu início a mais um ciclo de crescimento. Criou e introduziu novos processos de produção na fabricação de chinelos. "Passamos a usar uma nova tecnologia no tratamento da borracha. Inicialmente ela provocou umas bolhas de ar, e tivemos que cancelar a entrega de uns 250 mil chinelos. Acabamos tendo que promover uma reengenharia na nossa linha de produção. Hoje em dia, visitamos fábricas no mundo inteiro e reparamos que muitos processos de produção foram criados por nós."

Como todos os chinelos da Reef eram fabricados no Brasil, Santiago foi obrigado a se mudar para São Paulo junto com a mulher. O casal passou nove meses morando numa fábrica, em Mojimirim. "Tiramos os móveis do escritório e nos mudamos para a fábrica. Nossa primeira filha foi feita no horário de produção [risos]." Para Fernando não tem mistério, qualidade e preço bom sempre foram o cartão de visita dos Aguerre: "Nosso segredo está na qualidade e nos componentes dos nossos produtos. Eles têm a qualidade de um carro europeu com o preço de um japonês. As pessoas usam nossos chinelos e se sentem bem. Por isso eles vendem". Aos poucos, os chinelos da Reef foram conquistando seu lugar no mercado, e os concorrentes tiveram que se curvar diante da qualidade e do design.

#### COM A BUNDA DE FORA

Até 1982, as argentinas não usavam biquínis pequenos, principalmente na parte de baixo. Com o topless proibido pela ala conservadora da sociedade, as argentinas, influenciadas pelos biquínis brasileiros, acabaram criando o colalass [culo é sinônimo de bumbum para os argentinos], uma versão portenha do fio-dental brasileiro. "De repente, as bundas que estavam escondidas pelos militares e pelos conservadores argentinos se libertaram e foram colocadas pra fora", relembra Fernando. Em apenas um verão, o colalass se tornou a mais nova preferência nacional.

O marketing agressivo da Reef sempre foi baseado primordialmente em duas ações: patrocínios a surfistas de ponta e anúncios publicados em revistas especializadas. Depois de conseguirem acumular um lucro de 30 mil dólares com as vendas das primeiras coleções, Fernando e Santiago decidiram investir tudo numa campanha da Reef para a mídia impressa. "Foi baseada numa foto aquática que o Don King fez em Tavarua. Embaixo da foto, em primeiro plano, o reef de coral submerso na água salgada, enquanto a parte superior mostrava uma ilha tropical ao fundo. O chinelo só aparecia no cantinho inferior da página. Repetimos o mesmo anúncio por seis meses seguidos", recorda Santiago.

As campanhas da Reef sempre foram inspiradas por imagens que habitam o imaginário dos surfistas. Em 1990, graças à mente incendiária de Fernando, uma nova linguagem foi incorporada às suas peças publicitárias. "Já passava das 6 da tarde e eu estava sozinho no escritório, analisando a arte-final do nosso próximo anúncio. O artista havia criado nossa campanha com uma espécie de camelo no interior de um pequeno quadrado, no canto inferior da página. Não gostei do resultado. Acabei pegando umas fotos que tínhamos tirado de umas brasileiras de biquíni e resolvi trocar. O resto é história."

A partir daquele momento, a foto da bunda da menina se tornaria a marca registrada da marca. "O sucesso das bundas se deve ao fato de que em todas as raças encontramos rostos diferentes. Uns com os olhos mais puxados, outros com a pele menos bronzeada... Tem gosto pra tudo. Tem quem prefira as loiras, enquanto outros gostam das morenas. Mas bunda é um fetiche universal. Quem não aprecia uma bunda bonita?"

A cultura da bunda é muito forte no imaginário dos latinos, principalmente entre os brasileiros e, pelo visto, também entre os argentinos. "Nossos anúncios não têm uma conotação erótica, nem são despidorados. A Miss Reef não é uma vadia qualquer. Ela é a namoradina bonita e gostosa que todo surfista gostaria de ter. Fomos felizes em escolher a

bunda como nossa marca registrada, pois é uma linguagem decifrável por todos os povos e culturas. Hoje em dia, a bunda faz parte do DNA da Reef", ratifica Santiago. De uma maneira ou de outra, a linguagem sexy dos anúncios da Reef acabou estabelecendo uma comunicação com o imaginário dos surfistas. Na publicidade existem códigos poderosos que, se decifrados, estabelecem uma identidade entre produto e consumidor. Mas então por que nunca mostrar o rosto das modelos? "Se revelássemos a identidade das nossas modelos, estaríamos acabando com a fantasia. Ao esconder o rosto delas estamos incentivando a imaginação e fazendo com que cada bunda tenha o rosto que as pessoas imaginam", explica Santiago.

Impulsionados pelo sucesso das bundas das Misses Reef, passaram a incorporar aos campeonatos de surf patrocinados pela marca uma disputa para descobrir a gata com a bunda mais bonita. Como prêmio por sua plástica perfeita, a vencedora é convidada para estrelar a próxima campanha da marca. "Tratamos nossas modelos com muita delicadeza, sem deixá-las parecerem vulgares. São todas gatinhas que descobrimos nas praias em volta do mundo."

Um fato engraçado aconteceu quando Fernando e Santiago enviaram um de seus primeiros anúncios, estrelado por uma Miss Reef, para ser publicado na revista Surfer. "Fomos informados de que a revista não poderia publicar nosso anúncio porque ele ia de encontro com sua política." O mais curioso é que a modelo que estrelava aquele anúncio era ninguém menos do que Cecilia Aguerre, a esposa de Santiago. "Como a foto foi tirada de um ângulo em que não se via o biquíni, parecia que a Cecilia estava nua. Disse que, se eles não o publicassem, iríamos substituí-lo por uma página toda preta com a seguinte frase: 'Nosso anúncio foi rejeitado pela Surfer. Se quiser vê-lo, vai ter que comprar a Surfing'", comenta Fernando. "Em meia hora, o publisher da revista me ligou dizendo que eles haviam revisto a posição e que o anúncio seria publicado."

A estratégia de marketing da Reef sempre foi agressiva. Enquanto os manuais acadêmicos aconselham os executivos a investir algo em torno de 4 a 5% em marketing, Fernando e Santiago sempre fizeram mais. "Enquanto estivéssemos gastando 20% do faturamento em marketing e gerando lucro, estava bom." A combinação entre ousadia e planejamento não é algo que se aprende nas escolas, e a estratégia nada convencional mais uma vez dava bons resultados.

A trajetória dos Aguerre não tem nada de acadêmica. Em 1991, 15 anos depois de fundarem a Reef e com a empresa faturando muito mais de 1 milhão de dólares por ano, Fernando e Santiago ainda não tinham feito nenhum business plan. "Sempre preferimos usar parte do nosso tempo para curtir o que chamamos de ócio produtivo." Desde sempre, todo ano eles costumam passar de três a quatro meses viajando pelo mundo. Os Aguerre abriram a Reef com um investimento inicial de 4 mil dólares. "Enquanto uma empresa tem poucos empregados, fica mais fácil para seus donos manterem tudo sobre controle. Os riscos vêm junto com o crescimento."

Houve um momento em que os Aguerre tiveram que mudar um pouco a maneira de tocar o seu negócio. "Nos demos conta de que o nosso Frankenstein estava crescendo e que precisávamos controlá-lo para não correremos o risco de ser engolidos por ele." No final de 1999, os dois finalmente decidiram fazer o primeiro orçamento anual da Reef. "Mesmo sem seguir nenhum manual de administração, acabávamos fazendo quase tudo o que eles pregam: pesquisa de mercado, desenvolvimento de produto, catálogos, idéias de marketing e promoções. A Reef foi uma das primeiras empresas a desenvolver um rack para exibir produtos no interior das lojas. Tudo o que fizemos foi movido por uma enorme paixão e por uma necessidade muito grande de ser bem-sucedidos. Nunca tivemos margem para errar. Era vencer ou vencer."

#### GARRA ARGENTINA

No futebol e na vida, nossos hermanos muitas vezes nos dão uma lição de perseverança e tenacidade. "Somos sul-americanos e crescemos no meio do caos. Você vê o japonês e o norte-americano e nota que eles não sabem o que fazer quando algo foge do planejado. Somos diferentes. O improviso é a nossa arma secreta." Os Aguerre nunca tiveram a oportunidade de estudar os paradigmas que regem o mundo dos negócios. "Sou advogado, e o Santiago nunca completou a faculdade; portanto, sempre navegamos perto do impossível. Quem iria prever que dois caras como nós, latinos, que não falavam inglês direito, que não conheciam o mercado e não sabiam o que era um business plan seriam bem-sucedidos? Tínhamos tudo para dar errado." Mas aí estão eles: ricos e bem-sucedidos. De acordo com Fernando, a Reef é uma marca forte, mas que ainda produz poucos produtos. "Faz apenas 12 meses que começamos a fabricar roupas. Quando pergunto aos meus concorrentes se eles ficaram chateados com o fato de a Reef ter entrado no mercado de confecção, eles dizem que ficaram surpresos com a demora em explorar esse nicho." Nos primeiros 10 anos de existência da marca, eles estiveram mais preocupados em saber quanto tempo cada um tinha tirado de férias do que quanto haviam faturado. "Quando a gente sentava para fazer o balanço anual da empresa, o que importava eram quantas semanas livres cada um tinha. Eu falava pro Fernando: você me deve três semanas, e vou usar esse crédito surfando na Costa Rica. Não era o dinheiro. Era o estilo de vida que nos fascinava." Eles não gostam de revelar os números da Reef. "Só podemos dizer que a empresa fatura mais de 10 e menos de 100 milhões de dólares por ano. Estamos em mais de 100 países. Onde tem mar tem Reef." A honra que sentem em saber que são respeitados por todo mundo na indústria do surf e por caras que eram seus ídolos na adolescência não tem preço. "Hoje em dia, quando encontro o Greg Noll, ele me abraça e depois me dá um beijo. Nosso maior êxito não é seguir crescendo. É continuar sendo o que sempre fomos: dois latinos desordenados, exaltados e barulhentos." Entre Santiago e Fernando sempre houve muita confiança e uma sintonia fina na hora das decisões. "Demos sorte de produzir o produto certo, no momento certo, para o mercado certo. E isso não tem uma explicação lógica." Santiago conta que, quando lançaram os primeiros modelos de chinelos, não havia concorrência no mercado, mesmo num ambiente de negócios tão

difícil e disputado como o americano. "Foi o imponderável que sempre nos guiou em direção ao lucro e ao sucesso." Os irmãos Aguerre não conseguem separar o trabalho do prazer. "Uma vez, estava sentado com cinco banqueiros, e eles me perguntaram se estávamos felizes com o nosso trabalho. Quis saber qual esporte eles praticavam. A maioria disse que era o golfe. Então eu lhes respondi o seguinte: imaginem que vocês trabalham com o golfe, ganham dinheiro com isso,

conhecem e até patrocinam os melhores atletas... Pois é mais ou menos assim que nos sentimos trabalhando com o surf." Para ser bem-sucedido em algum negócio você precisa entender e gostar do que faz, e para ele isso foi algo natural. "O surf sempre foi importante em nossa vida. Simplesmente unimos o útil ao agradável." Apesar das dificuldades e das incertezas que costumam cercar os novos negócios, a Reef começou a dar lucro em pouco tempo. Santiago e Fernando já eram donos da Trac-top, uma marca de decks antiderrapantes que, de certa forma,

financiou os primeiros investimentos na Reef. "A Trac-top nos garantia a receita que precisávamos para pagar as contas e viver com tranquilidade. A Reef começou a dar lucro depois do terceiro ano, quando passamos a vender mais de 100 mil pares por ano." Para quem não conhece os Aguerre de perto, Santiago parece ser o mais calado e reservado dos irmãos.

Fernando é mais extrovertido e exímio fazedor de amigos. Mas quem convive com a dupla sabe que não é bem assim. "Santiago é o mais ansioso de nós dois e o mestre das aventuras." Santiago é o atleta da família. "Gosto de golfe, de tênis, de velejar de hobbie-cat... Mas o surf é o meu esporte favorito." Fernando é o mais curioso, lê filosofia e faz o estilo intelectual.

"Curto experimentar coisas novas. Viajar, surfar, me socializar..." Como a maioria dos argentinos, e dos latinos em geral, os Aguerre são passionais. "Gostaria de ouvir mais do que falar. A gente aprende mais escutando do que abrindo a boca para dizer besteiras", filosofa o autocrítico Fernando. Santiago não se considera um sujeito tranquilo nem paciente.

"Não consigo ficar muito tempo parado. Gosto de me divertir, mas sou mais introvertido que o Fernando." Além de surfista, Santiago é piloto de asa-delta, pratica snowboarder e agora está aprendendo kite-surf. "Tenho muita energia." Santiago está sempre procurando aprender algo novo. "É uma maneira que encontrei de estar sempre evoluindo. Isso é o que me mantém jovem.

Eu queria viajar pelo mundo e fugir do inverno argentino." Casado há 11 anos com a mesma mulher, Santiago tem quatro filhos. "Adoro a minha família. Sou um sujeito caseiro, que gosta de curtir os filhos e os amigos." Fernando é divorciado e tem três gêmeos com a sua primeira mulher. Atualmente está casado com Vicky, uma argentina que é sua companheira inseparável.

Desde que Fernando e Santiago deixaram a Argentina, o surf não parou mais de crescer. Seja em número de surfistas ou no tamanho do seu mercado consumidor. "Em 95, quando patrocinamos o primeiro Reef Classic, na Argentina, de cada quatro carros que passavam pela estrada que liga Buenos Aires a Mar del Plata, pelo menos um carregava uma prancha na capota." A Argentina tem uma população bem menor que a brasileira, e a mesma proporção vale em relação ao número de surfistas. Água fria e um inverno rigoroso sempre limitaram o crescimento do surf argentino. "Para nós, argentinos, o Brasil é uma espécie de paraíso tropical."

Depois da primeira vez em que estiveram no Brasil, Fernando e Santiago passaram a fazer uma espécie de peregrinação anual ao Patropi. Volta e meia estão por aqui, seja a negócios ou como meros turistas. Fernando garante que se sente bem à vontade no Brasil. "Depois de 78, nunca mais passei um ano da minha vida sem visitar o Brasil." Santiago conta que a maioria dos brasileiros acredita que todos os argentinos são iguais. "Eu e o Fernando somos de Mar del Plata, que não tem nada a ver com Buenos Aires. Dois lugares tão diferentes quanto o Rio e São Paulo." Segundo Fernando, a rivalidade que existe entre brasileiros e argentinos deveria se limitar aos campos de futebol. "A seleção argentina é a única equipe que assusta a brasileira.

Para nós, argentinos, é permitido perder de qualquer time, menos do Brasil."

No último mês de março, tivemos a confirmação da venda de todas as ações da Reef Brasil para

a VF Corp., uma das maiores empresas do mundo no ramo de confecções e artigos esportivos.

A VF fatura mais de 5 bilhões de dólares por ano e controla marcas como: Lee, Wrangler, Riders,

Rustler, Vanity Fair, Vassarette, Bestform, Lily of France, Náutica, Earl Jean, John Varvatos,

JanSport, Eastpak, The North Face, Napapijri, Kipling, Lee Sport e Red Kap. Sem falar na Vans,

que foi comprada ano passado por cerca de 400 milhões de dólares. A venda da Reef Brasil teve

início em maio de 2002, quando a maioria das suas ações foi negociada de maneira sigilosa entre

os irmãos Aguerre e a Swander Pace Capital, grupo de investimento baseado em San Francisco

e que passou a ser o maior acionista e principal controlador da marca. Desde então, a Swander

Pace Capital promoveu algumas mudanças no organograma da Reef, entre elas a nomeação de

Dave Gatto como CEO e do sul-africano e ex-surfista profissional Mark Price como VP de

marketing global. A partir da entrada da Swander Pace Capital, o envolvimento dos irmãos

Aguerre no dia-a-dia da Reef Brasil diminuiu. Nos últimos meses se limitou a apenas alguns dias.

Quando os rumores da venda da Reef começaram a circular no mercado, algumas empresas, entre

elas a Quiksilver, a Billabong e até mesmo a Nike, passaram a ser vistas como

potenciais compradoras, mas a transação acabou sendo mesmo fechada com a VF.

A Alma Surf conversou com Mark Price, que revelou alguns detalhes do negócio, considerado

um dos maiores já realizados na indústria surf.

## ENTREVISTA COM MARK PRICE

**AS: O que exatamente a VF comprou e qual foi o valor dessa transação?**

MP: Todas as ações da Reef, mas o valor da negociação é sigiloso.

**Quais as conseqüências dessa transação para o futuro da Reef Brasil?**

Entre outras coisas, o lançamento de um programa ambicioso, que vai transformar a Reef numa empresa com linha variada de produtos. A Reef não será mais uma marca limitada a uma linha de calçados.

**Além da VF, outras empresas estavam interessadas em comprar a Reef?**

A VF sempre foi a nossa preferida, desde o início das negociações, que evoluíram relativamente rápido. O negócio foi fechado em pouco tempo.

**Por que a VF?**

A Reef está trilhando um caminho de evolução natural em nosso mercado. Por que deveríamos competir com outras empresas sem termos as mesmas condições que elas? Preferimos ser a marca de surf wear número 1 da VF, em vez de ser a número 2 ou 3 dentro de uma Billabong ou Quiksilver.

**Então é verdade que tanto Quiksilver como a Billabong estavam na parada? Ou você está apenas usando o nome delas como hipótese?**

Não quero confirmar nem negar nenhuma dessas possibilidades.

**O que vai mudar agora que a VF é dona da Reef?**

A Reef vai crescer, e todos, principalmente nossos clientes, vão se beneficiar com esse crescimento. A Reef conhece a fundo seu mercado, e a VF vai se beneficiar dessa expertise. Com o passar do tempo, os fatos vão falar por si mesmos.

**Você confirma que os irmãos Aguerre venderam todas as ações?**

Sim. A VF comprou todas as ações.

**Qual a estratégia da Reef de agora em diante e qual o papel reservado para os irmãos Aguerre?**

Existe uma química natural envolvendo a atual administração da Reef e o pessoal da VF. Nossos objetivos são os mesmos. Pretendemos continuar promovendo o crescimento mundial da marca e, ao mesmo tempo, solidificar nossa posição de liderança no núcleo do mercado. Quanto ao Fernando e ao Santiago, eles já estavam afastados do dia-a-dia da Reef há algum tempo, e ambos vêm se limitando a participar das reuniões de diretoria. Neste momento, não pretendemos mudar em nada essa relação.



**REEF VISION**

REEFVISION.COM

FIJI

RAONI MONTE

PHOTO: TONY FLEURY - FONE: 11 3961 4077

milhões  
DE REAIS  
EM NEGÓCIOS

milhares  
DE COMPRADORES

centenas  
DE MARCAS

# UM SÓ LUGAR.

PARTICIPE DO MAIOR  
EVENTO DE SURFWEAR,  
SKATEWEAR E MODA PRAIA  
DA AMÉRICA LATINA

DESFILES\_SKATE SESSIONS\_COMPRADORES INTERNACIONAIS\_PRINCIPAIS LOJISTAS BRASILEIROS\_LANÇAMENTOS\_TENDÊNCIAS

## 28 / JUNHO A 01 / JULHO 2005

CENTRO DE EXPOSIÇÕES IMIGRANTES  
SÃO PAULO SP BRASIL

GARANTA SUA ÁREA:

(11) 3884.4544  
waves@waves.com.br  
www.surfbeach.com.br

SURF & BEACH Tex Preview

street  
wear  
& skate  
SHOW 2005

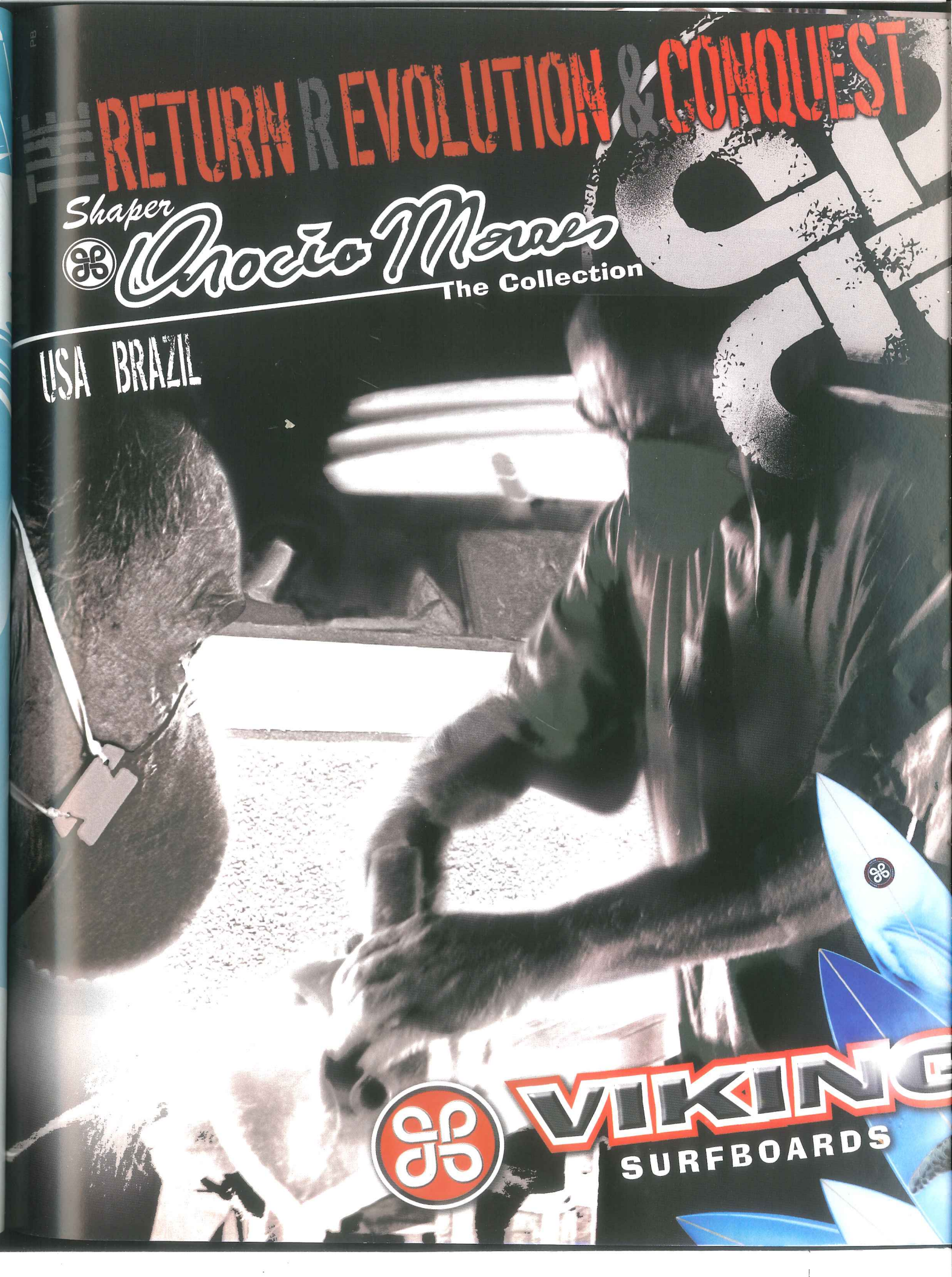
Beach & Bikini  
FASHION SHOW '2005



# RETURN REVOLUTION & CONQUEST

Shaper  
**Chocho Waves**  
The Collection

USA BRAZIL



# VIKING

SURFBOARDS



EMIR CALUNGA

Fernando de



MARINA RIBEIRO

# Noronha

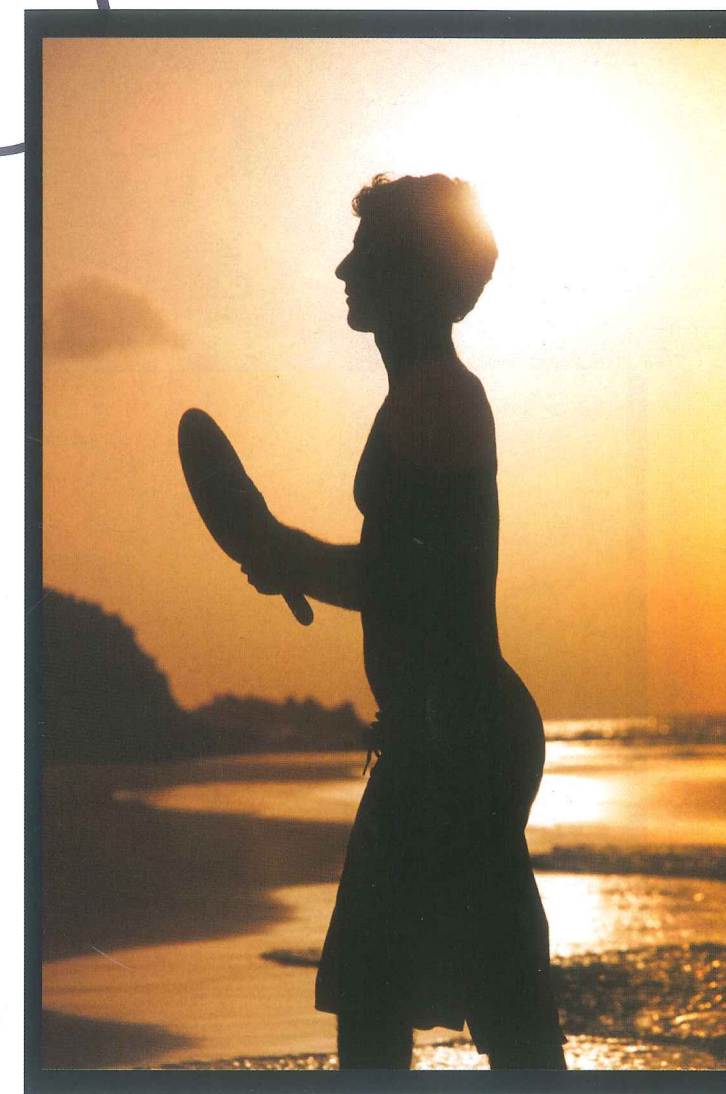
Com aproximadamente 2100 habitantes altamente conscientizados de seu papel no meio-ambiente, Fernando de Noronha vê sua população aumentar na temporada de ondas. Apesar desse assédio, a relação homem/natureza rola numa boa. O turismo é praticado de uma forma sustentável e não agride o eco-sistema. Nossos "turistas" fizeram o que mais gostam quando estão no arquipélago. Surfaram, curtiram e se divertiram. Nas páginas seguintes, um ensaio mostrando porque Noronha é considerado o paraíso das ondas tupiniquins.

GUSTAVO "BINGA" YAZBEK

BINGA™ YAZBEK



# INNOVATION



ALEXANDRE GENNARI

CRISTIANO SPIRRO


ALEKO STERGIU



ALEMÃO DE MARESIAS

EVK



*fuorza*  *latina*

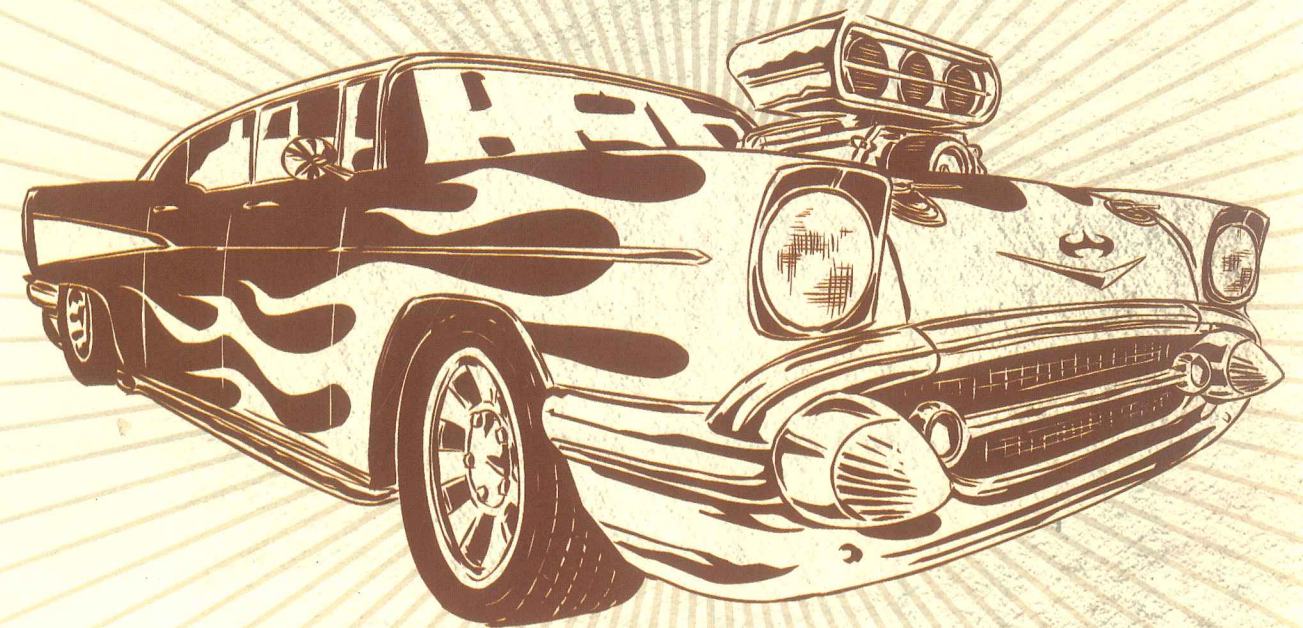
*Made in Italy*



POWER **V8** HOUSE



EVOKEEYEWEAR.COM



*Evoke The Original Classic Standard*

TECO PADARATZ, BINHO NUNES, SYLVIO MANCUSI, JORGE PACELLI, ALEMÃO DE MARESIAS,  
SILVIA NABUCO, JAMES SANTOS, FERNANDO FANTA, YURI CASTRO, ROBSON SANTOS,  
IGOR MORAES, ROGÉRIO TROY, ALEXANDRE MAIA, DIGO MENEZES, GUILLY BRANDÃO, ATENAH.





ALEXANDRE GENNARI

NORONHA  
PEDRO HENRIQUE

Surfing is a...  
**Natural Art**



[foto.naturalart.com.br](http://foto.naturalart.com.br)

Winter  
Collection

ORON  
SM

**WILSON NORA**

EDUARDO MOOD





NOR  
ma



GUSTAVO "BINGA" YAZBEK

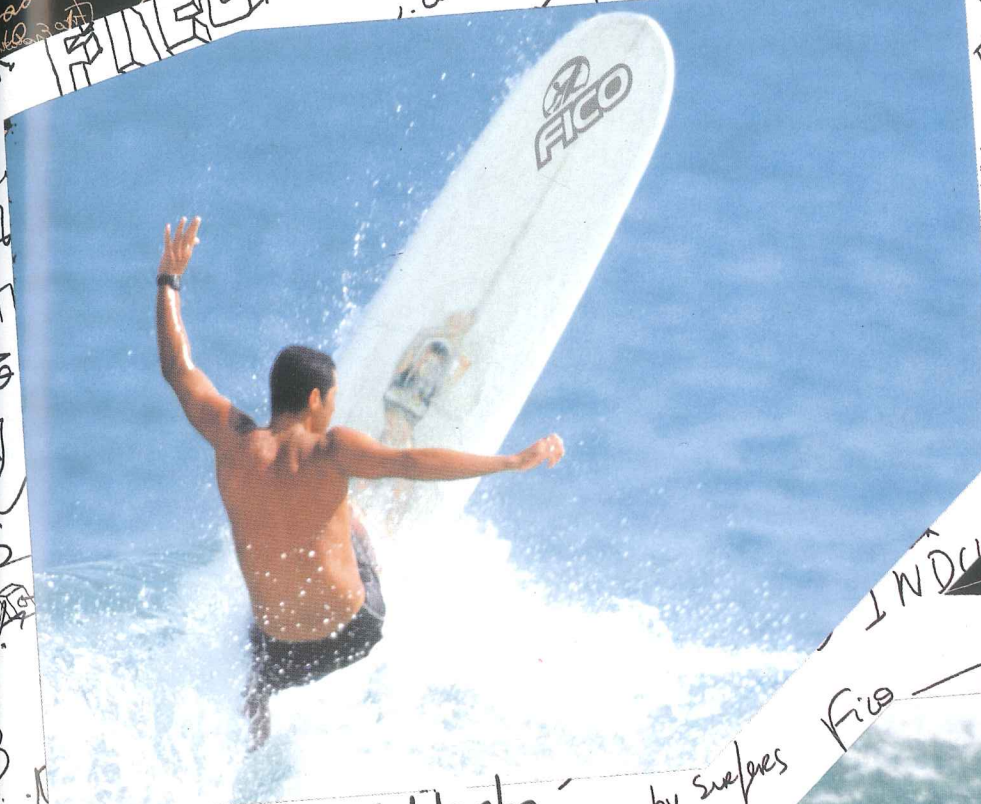


LUCIANO SARACENI

ARMANDO DALT

**FICO**

Surf & ATTITUDE  
Evolution  
by Surfers

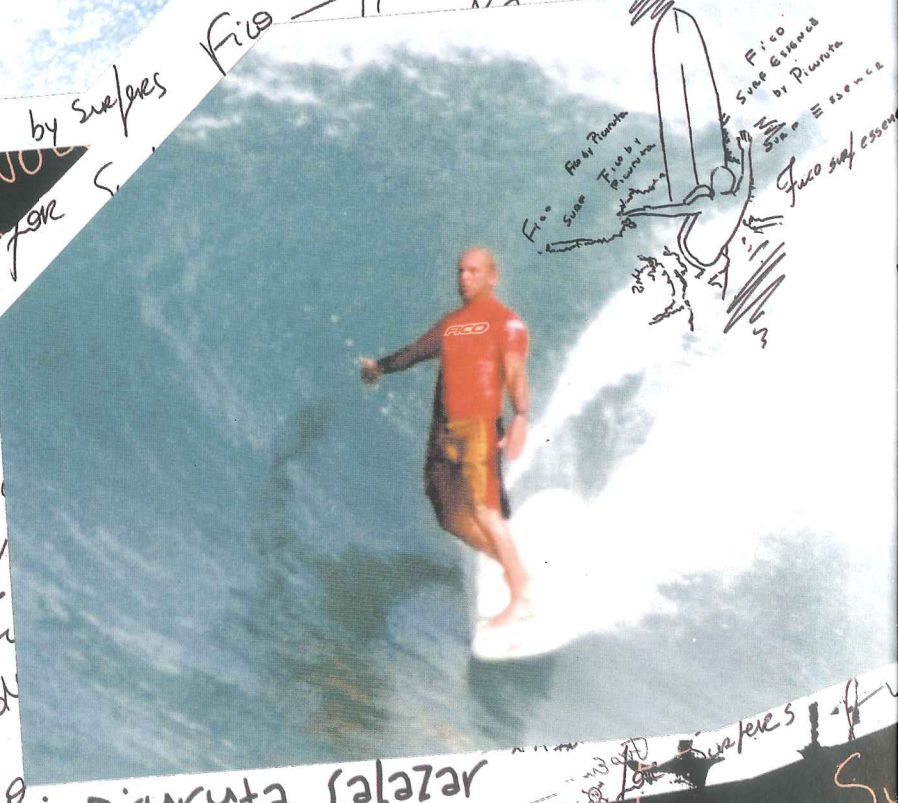


EVOLUTION IN  
FICO  
LONGBOARD  
TEAM

**SURF**  
**VIOLENCIA**  
FICO

www.fico.com.br

INDUSTRIES  
Evolution  
Go surf!  
Fico #3  
Surf and attitude  
Fico Evolution



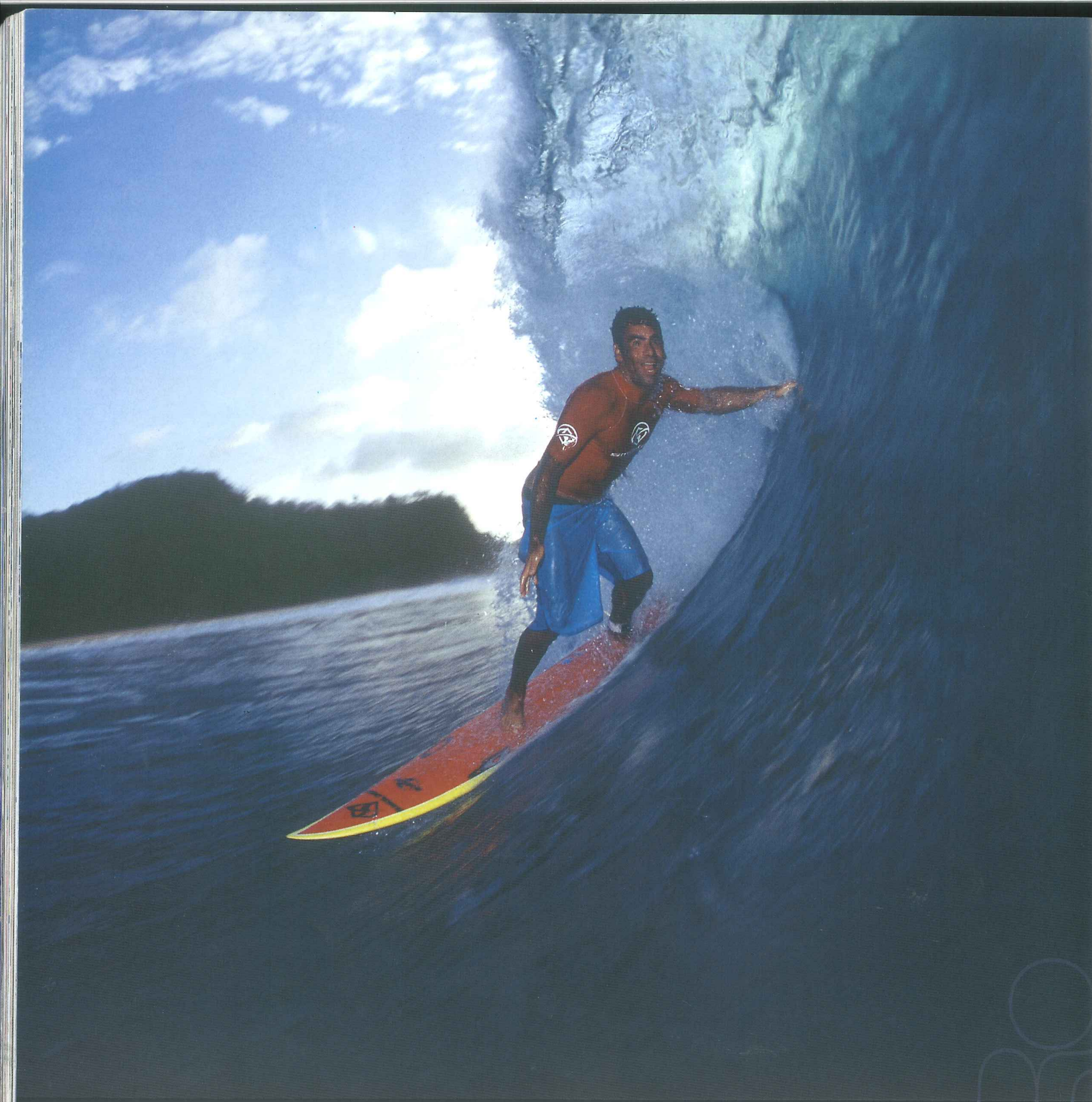
Picuruta Salazar

Augusto Saldanha



ALEXANDRE GENIVARI

**Area** PETRONIO



ALEKO STERGIU

ADEMIR CALUNGA



**ASP**  
Association of Surfing Professionals  
South America

# Bilobong

## COSTA DO SAUÍPE

WQS ★★★★★

air show  
**vonzipper**

best wave  
**KUSTOM™**  
Purpose Built Footwear



**13 A 19 DE JUNHO 05 - COSTA DO SAUÍPE - BAHIA**  
SAUÍPE SURF MUSIC SHOW - ATRAÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL

divulgação



**FLUIR**

**waves**  
waves.terra.com.br

apoio



**COSTA DO SAUÍPE**  
BAHIA - BRASIL

www.costadosauipe.com  
0800 702 0203

LUCIANO SARACENI

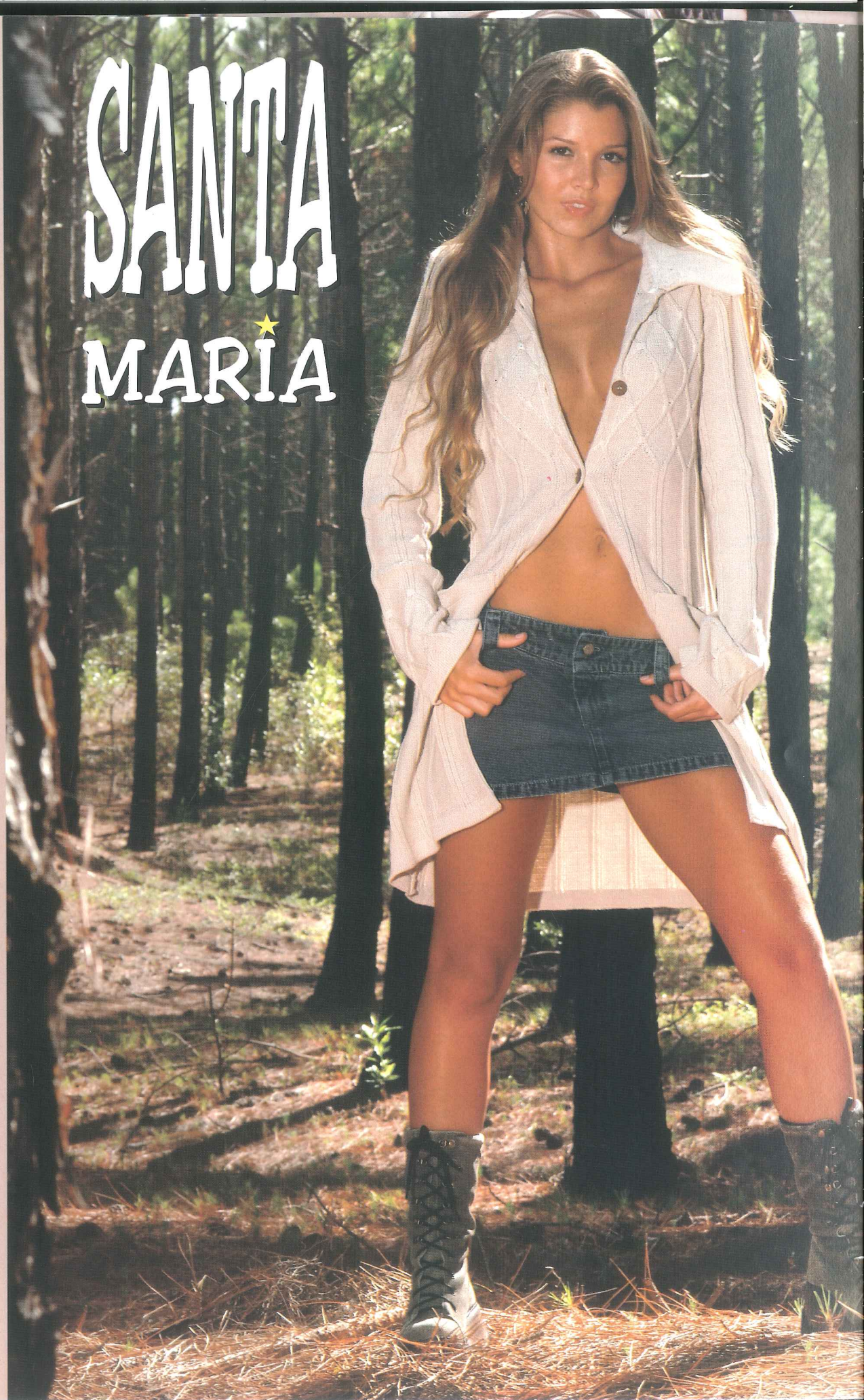


DA KUERTEN

NERO  
maro

[www.smsantamaria.com.br](http://www.smsantamaria.com.br) - (11) 3815-5093

SANTA  
MARIA





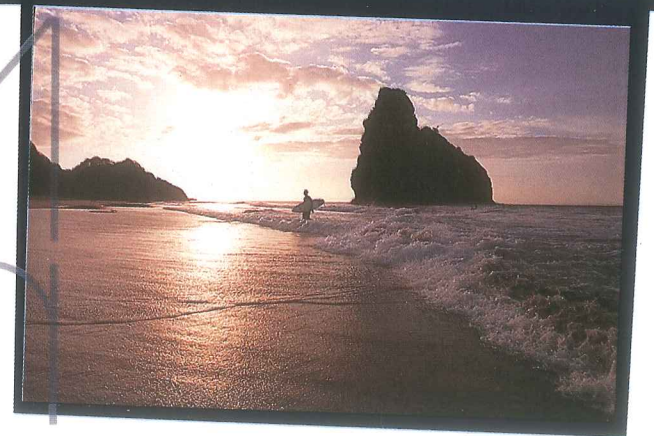
ALEXO STERGIU



GUSTAVO "BINGA" YAZBEK

JADSON ANDRÉ

OROK  
SNN





ALEKO STERGIU

SÁVIO CARNEIRO

# maro

[www.litoralbrasil.com](http://www.litoralbrasil.com)



Central de Vendas: 55-11-5061-0688



Fits You better



MARINA RIBEIRO

BRUNO SANTOS



ALVARO BACANA

# NORC marc



GUSTAVO "BINGA" YAZBEK

# LEANDRO

LEANDRO BASTOS

ALEKO STERGIOU

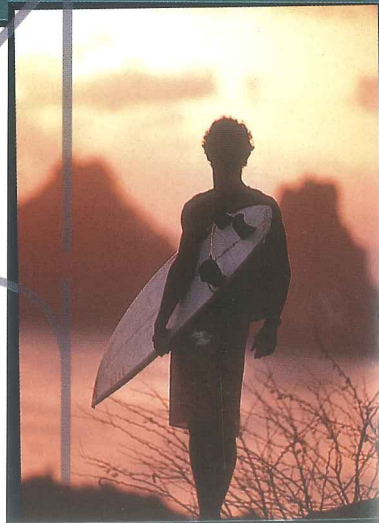




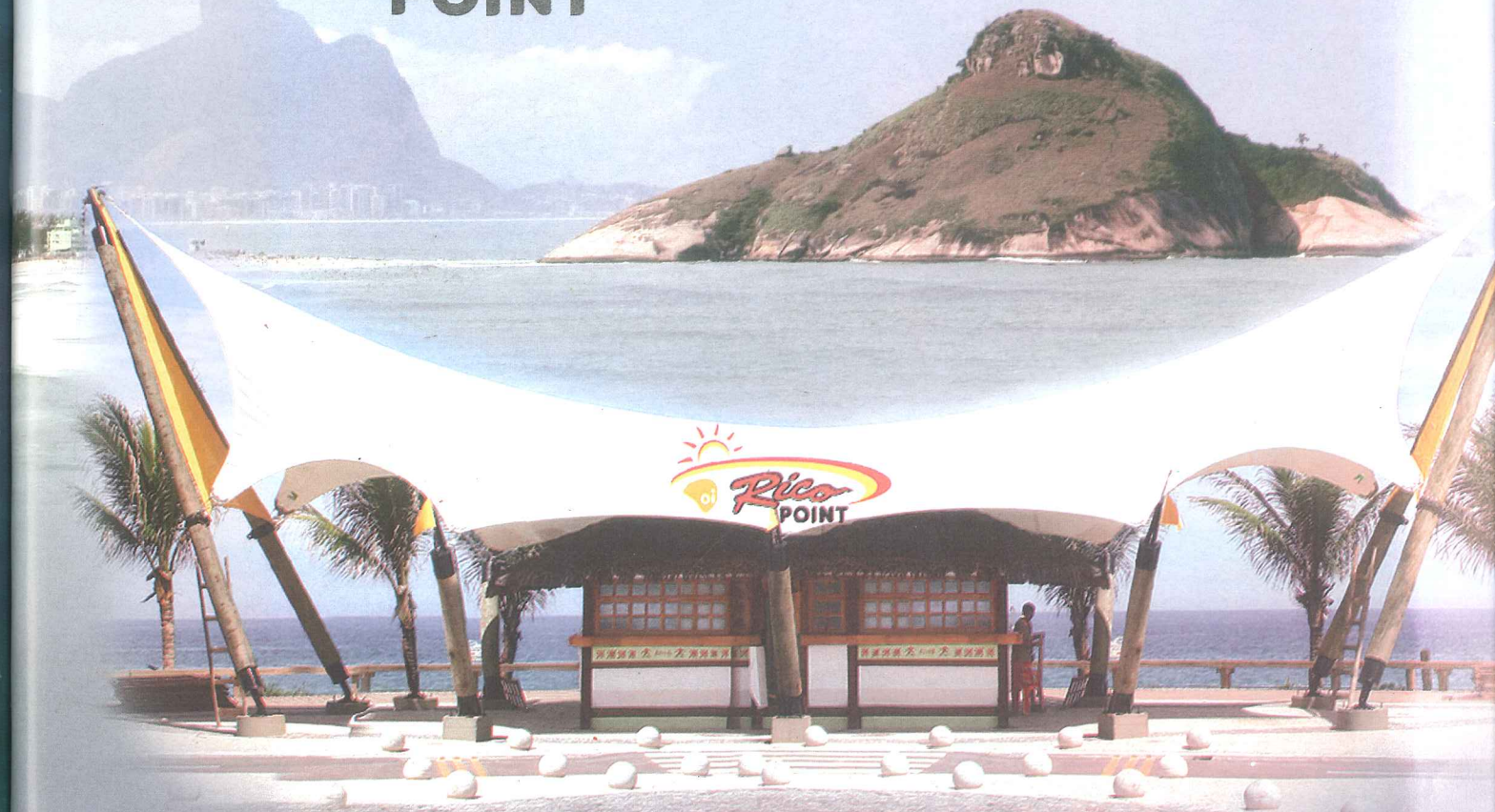


MARCELO TREKINHO

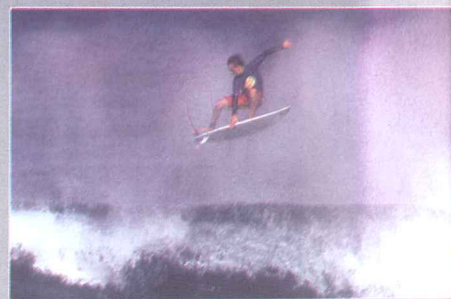
OROV  
Snr



MARINA RIBEIRO



SUA ONDA COMEÇA AQUI



SANDUÍCHES E SUCOS NATURAIS • ACESSÓRIOS DE SURF • EVENTOS  
• ESCOLA DE SURF NO RICO POINT

BREVE WEB CAM, CONEXÃO BANDA LARGA E WIFI "VELOX"

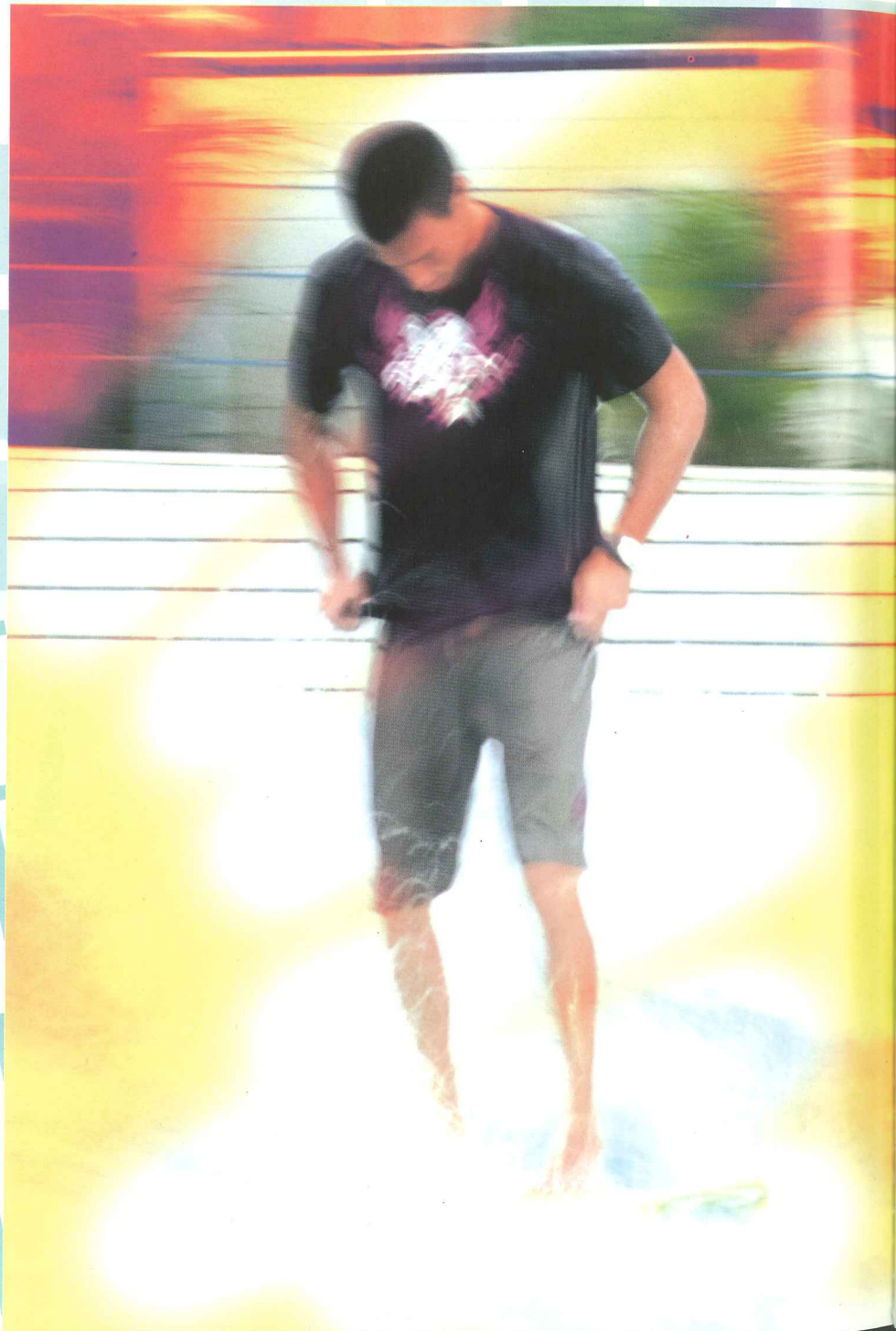
RICO POINT - RUA 4W - PRAIA DA MACUMBA - RIO DE JANEIRO

TELS.: (21) 2438-1821 / 2438-4096 / WWW.RICOSURF.COM.BR / E-MAIL: RICOPROMOCOES@UOL.COM



# SURF NO LADRILHO

PEDRO REGATIERI



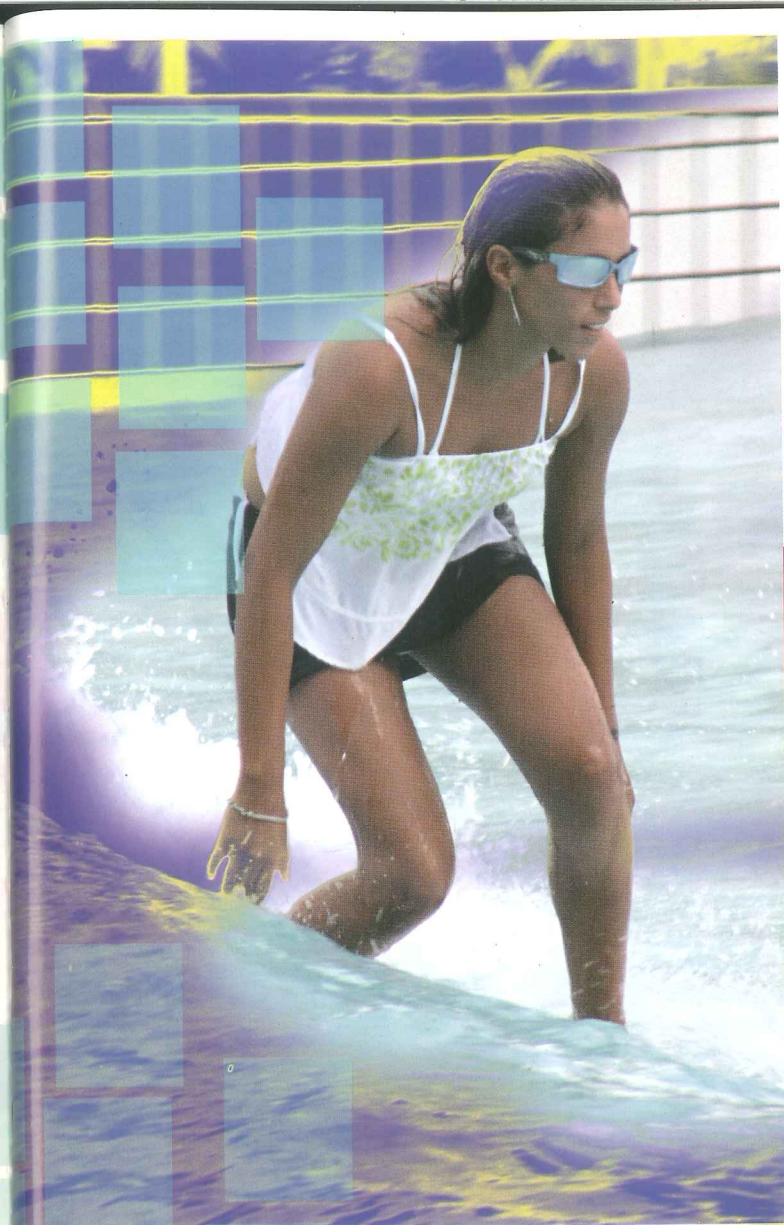
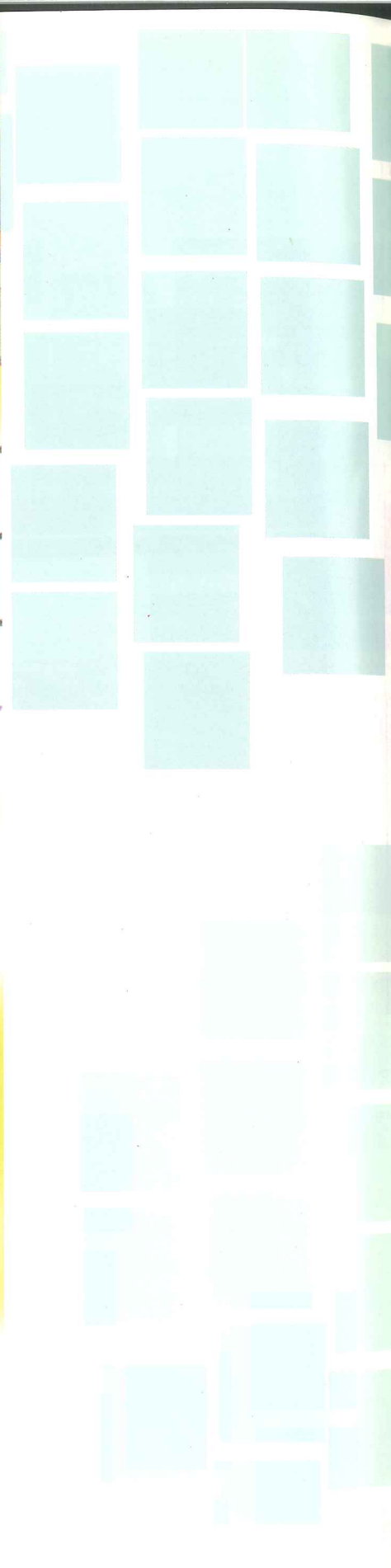
SURF  
LAD



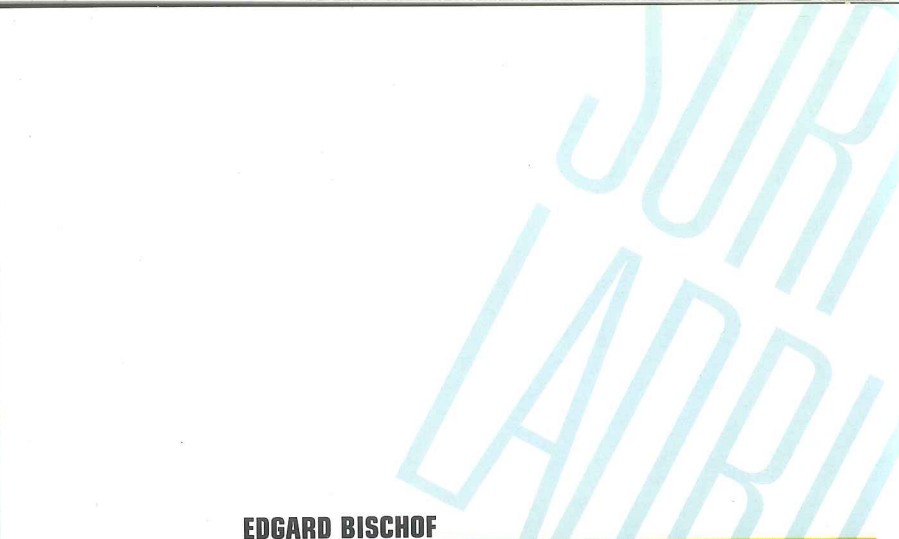
ALEMÃO DE MARESIAS



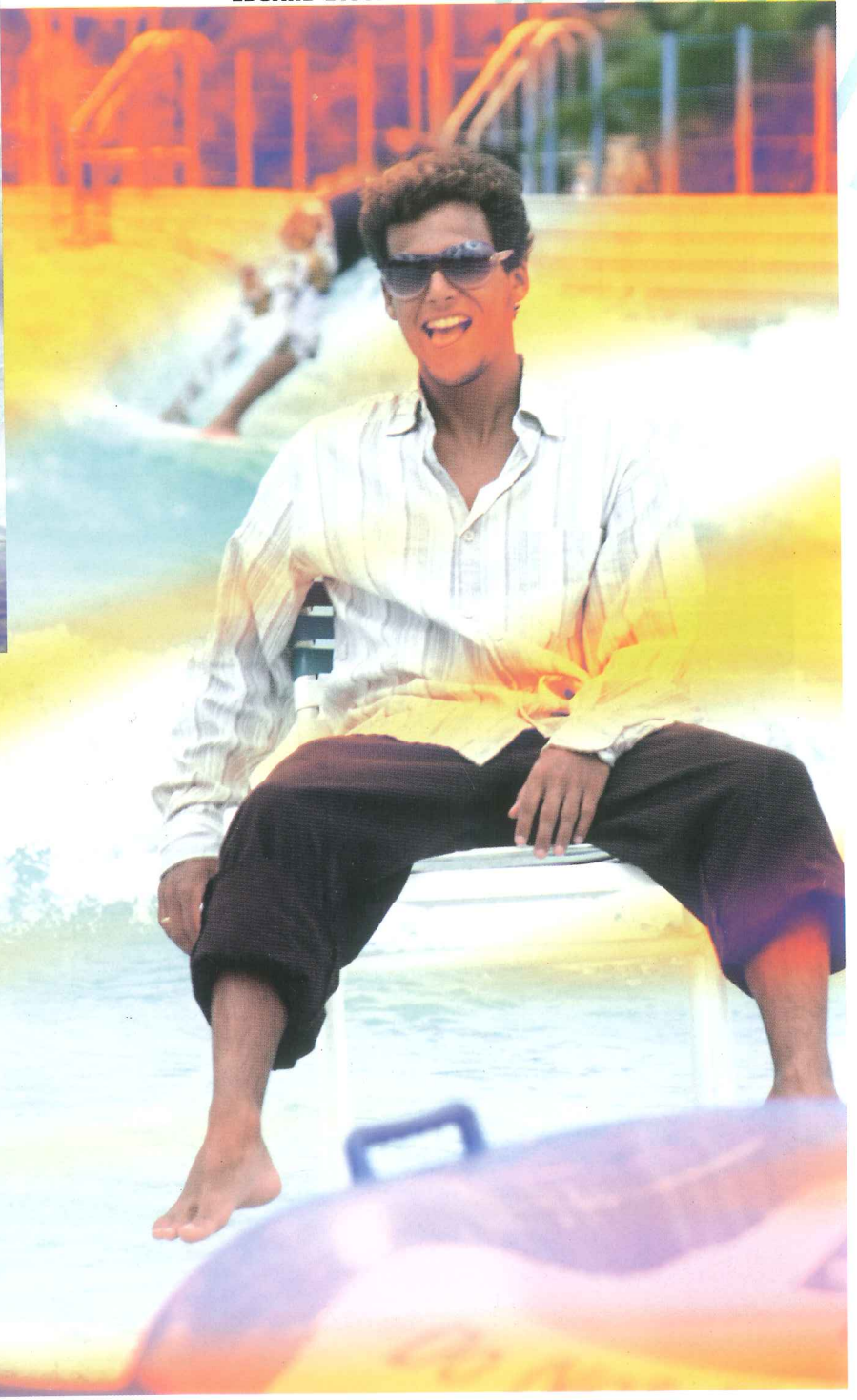
**SYLVIO MANGUSI**



**JAHIA BETERO**



**EDGARD BISCHOF**



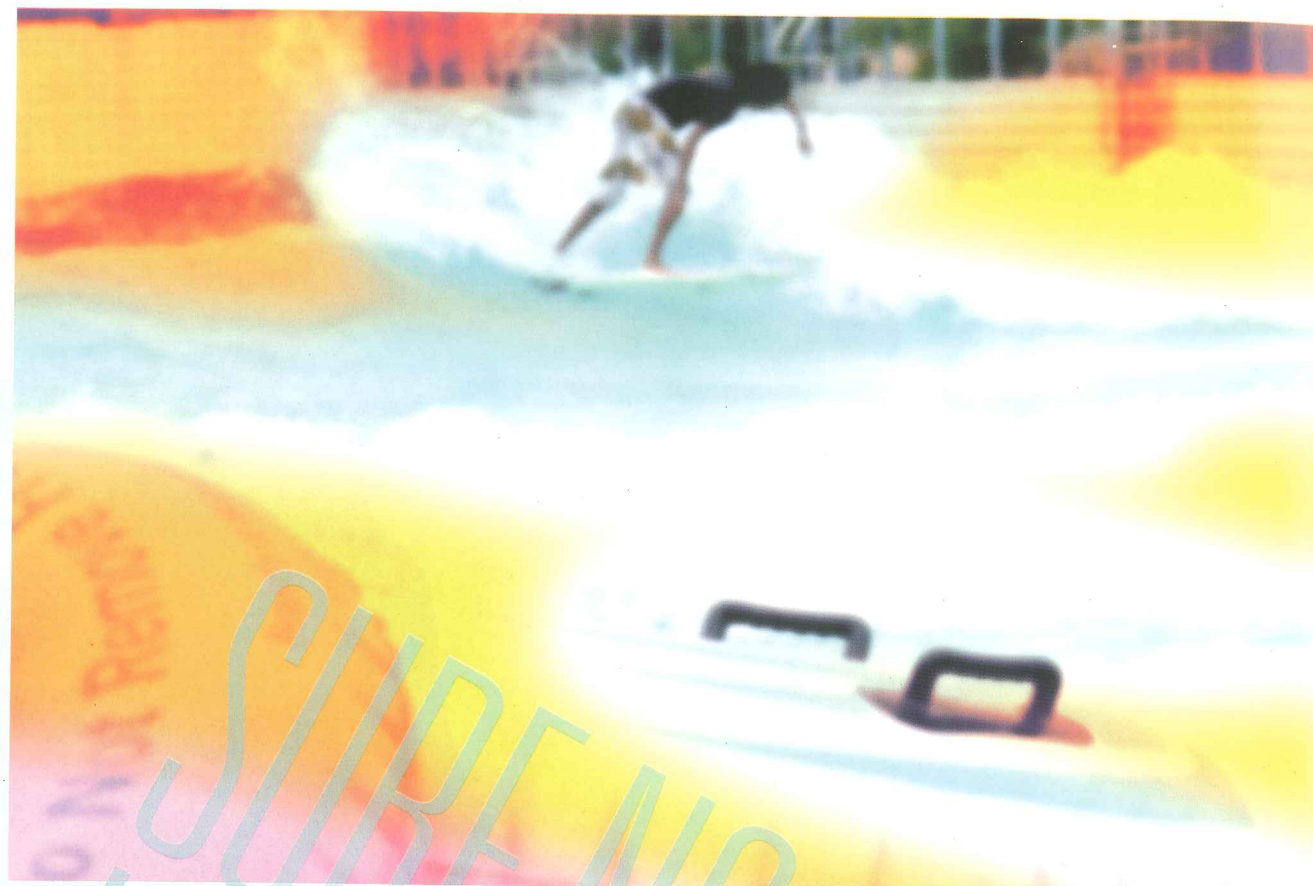
FELIPE TOLEDO



MARCOS CARDOSO



CLAUDIA GONÇALVES



#### FICHA TÉCNICA

Fotografia - Adriano Vizoni e Aleko Stergiou

Arte - Fernando Mesquita

Produção - Lia Celestini

#### AGRADECIMENTOS

Splash Beach Parque (Ribeirão Preto)

Lui Lui (Sylvio Mancusi)

Oakley (Claudia Gonçalves e Miguel Pupo)

Billabong (Felipe Toledo)

Koul (Marcos Cardoso)

Stanley (Pedro Regatieri)

South to South (Alemão de Maresias)

Santa Maria (Jahia Betero)

WG Surf (Edgard Bischof)

## "Nós sabemos onde e quando"



HAWAII>PIPELINE  
04 de Janeiro>14:37h



MALDIVAS>LOHIS  
12 de Outubro>11:10h



MENTAWAII>HT'S  
17 de Junho>07:40h



MÉXICO>PUERTO ESCONDIDO  
23 de Julho>09:40h



F.DE NORONHA>BOLDRÓ  
02 de Fevereiro>13:45h



COSTA RICA>ISLA UVITZA  
21 de Novembro>16:10h



PERU>LOS ORGANOS  
26 de Março>17:20h



ÁFRICA DO SUL>J.BAY  
10 de Julho>07:00h



AUSTRÁLIA>WEST-OZ  
03 de Agosto>11:00h



[www.surftravel.com.br](http://www.surftravel.com.br)

THE SURF TRAVEL CO

"A agência de viagens especializada em surfe, levando você aos melhores picos desde 1991."

Al.dos Jurupis, 452 cj.54 - Moema - São Paulo - SP  
cep.04088-001 - Tel/Fax : 55 11 5052-4181  
surftravel@surftravel.com.br - [www.surftravel.com.br](http://www.surftravel.com.br)



TAÇA

# LUI LUI

SURF universitário

2005



# JOAQUINA

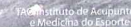
FLORIPA

## 16 E 17 ABRIL



### EXPRESSION SESSION

PRÓ-ILHA



Categorias: Open Universitária, Soul Surf, Feminina e Formados

Informações e inscrições: [www.acsu.org.br](http://www.acsu.org.br) (48) 3028-0870

## LOUCURA MÁXIMA

Quantos lugares existem pelo mundo para surfar? Austrália, Califórnia, México, Hawaii, Peru, Taiti. Só para citar os mais conhecidos. Bali é show! A jornada de moto até Uluwatu, a remada pro outside saindo do cave de Uluwatu... É tudo piração. A zona de impacto, o drop, o joelhinho dentro do salão, a espera pela série no line-up de Sunset num final de tarde qualquer. Até mesmo aquela famosa dor de barriga ao saber que tem que se encarar Pipeline 12 pés. O surf se difundiu por completo em diversos picos a partir da primeira metade do século XX e se espalhou como uma febre pelo resto do mundo. Brasil,

África do Sul, Japão e alguns países da Europa, desde a década de 60, estão na lista dos que aumentam ainda mais o crescimento deste esporte, graças a litorais vastos e de boas ondas. Atualmente, o surf está expandido e supercrowdeado. Mas a essência, esse sentimento único e que contamina todos os praticantes, continua sendo a meta de todo surfista. Passar a parafina na prancha e sair remando rumo ao outside, num dia de ondas clássicas e perfeitas, numa praia distante e envolto num mar de pensamentos... são sentimentos que só um surfista conhece.

Quando morei no Hawaii, durante exatos 13 meses, em 1983, passei por inúmeras experiências de vida que contaram muito para a minha formação pessoal e profissional. Foi um verdadeiro desafio ficar fora do Brasil trabalhando para me manter financeiramente. Naquela época já era um puta crowd, e se, por algum problema como um corte de coral ou uma simples gripe, eu ficava sem surfar, caía na real de que aquilo era minha loucura máxima. Para mim, o surf é tão legal no Hawaii que, mesmo uma marolinha das mais safadas, como em Queen's, no South Shore, já satisfaz, é algo divertido e sempre vale a pena. Em Waikiki também rola uma boa diversão: as ondinhas de fundo de coral em Kaiser's Bowl em plena madrugada ou um surf em Pop's, reef em frente ao Sheraton Hotel. Só o cheiro do coral, a cor da água, o remar matinal já valem a sessão. Mas também peguei altas ondas fora da temporada no North Shore. Sunset em maio e Kamieland 6 pés clássico em agosto, meses em que o swell de norte é bem raro. Naquele verão uns 15 brasileiros se instalaram na ilha depois da temporada, todos com a mesma vibe: batalhar para se manter por lá. Leal [Mongui], Chipan [Cristiano Wayne], Baixinho, Pilão, Alemão, Faissal, Paulão, Nikita, Dino, Fabiano e outros que não vou lembrar, além do meu irmão Totó. O trabalho era nos extintos ped-cabs, aquele triciclo que levava dois passageiros em tours por Waikiki. O Marcos, da Badboy, fez essa aventura um ano antes e abriu o caminho para a galera seguinte. Hoje, a comunidade de brasileiros no Hawaii é bem grande e dá pra encontrar uma boa galera dos anos 80 morando no arquipélago e vendo seus filhos frequentar a Elementary Sunset School. Foi nesse meio tempo que descobri que era totalmente do surf. Juntei uma graninha e investi numa plaina... Então virei shaper... mas aí é uma outra estória.

Aloha

# LEAL

